

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**PARA ALÉM DA DOR: FANTASIAS DE PRAZER, PODER E ENTREGA.
UM ESTUDO SOBRE BONDAGE E DISCIPLINA, DOMINAÇÃO E SUBMISSÃO E
SADOMASOQUISMO**

Ana Mafalda Ventura Mota

Junho 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Alexandra Oliveira (F.P.C.E.U.P.)**

Agradecimentos

Antes de mais, o meu intenso agradecimento à minha orientadora, Professora Doutora Alexandra Oliveira. Sem ela e o seu apoio, esta tese jamais teria visto a luz do dia. Agradeço-lhe pela sabedoria com que me orientou, pela sua confiança, pela sua estimulação constante, pela motivação com que me preencheu, pelas suas palavras amigas... Enfim, por me fazer crescer de múltiplas formas aprendendo com a MULHER que é.

Agradeço aos meus pais pelo seu constante (e enorme) esforço em proporcionar-me o melhor, por acompanharem de perto o meu percurso, por terem aprendido a respeitar as minhas escolhas, nem sempre as mais certas, mas ainda assim me deixarem voar.

Agradeço à Sandra, companheira de (e para) sempre, da faculdade mas sobretudo guerreira da vida. Grata, pela verdadeira presença e amizade, pelas aprendizagens e crescimentos, por tudo (que não é pouco).

Obrigada aos meus amigos que estranharam mas entranharam o objetivo deste trabalho e às (boas) pessoas com quem tive a oportunidade de me relacionar na faculdade e que estimularam o meu intelecto (esta parte é para ti Paula).

Agradeço ao (meu) Bernardo, pelo seu apoio incondicional, pela infinita paciência com que me acompanhou neste processo, pelo seu altruísmo, por tantas vezes me ter erguido quando não acreditava em mim, por me ensinar a ser...

Por fim, mas não por último, agradeço a todos os praticantes que se cruzaram comigo nesta jornada e tão amavelmente me receberam no seu meio. Um obrigado especial a todos os que disponibilizaram o seu tempo e confiaram em mim e nos propósitos deste trabalho. Esta investigação é de e para vocês. Espero que se possam rever nela.

Dedico-o à minha avó, porque sei o quanto ela ficaria feliz de presenciar este momento.

Resumo

O BDSM (*Bondage* e Disciplina, Dominação e Submissão e Sadomasoquismo), vulgarmente designado por sado-masoquismo, tem sido associado à perversão sexual e à patologia mental, tanto pela comunidade científica, como pelo discurso mediático. Contudo, este é um fenómeno complexo que não é compreensível através de visões simplistas e redutoras. O presente trabalho pretende conhecer e caracterizar os atores, as práticas e os contextos do BDSM em Portugal, bem como aceder às motivações e aos significados que estes atores atribuem ao seu envolvimento nestas práticas.

Optamos por uma visão próxima do fenómeno, escolhendo uma metodologia qualitativa assente na realização de entrevistas semiestruturadas e na observação participante, tanto em contexto virtual, como real, por considerarmos relevante tomar a perspetiva dos atores sociais envolvidos. Deste modo, realizamos 13 entrevistas e fizemos observação em contexto real, num total de 23 horas e observação em contexto virtual, num total de 56 horas.

Da nossa investigação concluímos que a “cultura” BDSM não é homogénea e que este é um termo genérico que inclui uma variedade de dinâmicas e identidades sujeitas a alterações no espaço e no tempo. Ainda inferimos que o comportamento dos praticantes do BDSM resulta de uma construção pessoal e social que pode ser vivenciado de diferentes formas e ter diversos significados. Para estes praticantes, todos os aspetos ligados com o BDSM precisam de ser negociados e enquadrados num relacionamento consentido. Também concluímos que o BDSM não se circunscreve à dor, é um comportamento marcado pelo simbolismo e a palavra-chave para o entender é *fantasia*.

Julgamos que a pertinência desta investigação se liga com a quase total ausência de estudos em Portugal sobre este tema e que a sua visão compreensiva e despatologizante pode ter implicações nas práticas interventivas.

Palavras – chave: BDSM; Sadomasoquismo; Sexualidade; Direitos Sexuais

Abstract

BDSM (Bondage and Discipline, Domination and Submission and Sadomasochism), usually known as sado-masochism, has been associated to sexual perversion and mental pathologies, either by the scientific communities or by the media speech. However, this is a complex phenomenon that cannot be understood by simplistic and reductive perspectives. This work wants to understand and characterize the actors, practices and contexts of BDSM in Portugal, and also to access the motivations and meanings that these actors imply in these practices.

We have opted a close vision of this phenomenon, choosing a qualitative methodology based on semi-structured interviews and participator observation, in terms of virtual and real context, because we think that is relevant to take understand the choose social actors perspectives. In this way, we made 13 interviews and observed in real context, for 23 hours, and in virtual context, for 56 hours.

In our investigation we have concluded that BDSM “culture” is not homogenic and that this is a generic concept that includes a variety of dynamics and identities, object to alterations in space and time. We have also deduced that the behavior of BDSM practitioners result from a personal and social construction that can be lived in various ways and with different meanings. For theses, practitioners, every aspect related with BDSM needs to be negotiated and understood in a consented relationship. We have come to conclusion that BDSM is not only related to pain, it is a behavior marked with symbolism and the keyword to be understood is *fantasy*.

In our opinion, the importance of this investigation is linked with the almost absence of studies in Portugal regarding this subject, and that its comprehensive and un-pathologizing vision may have involvements in interventive practices.

Keywords: BDSM; Sadomasochism, Sexuality; Sexual Rights

Résumé

Le BDSM (*Bondage* et Discipline, Domination et Soumission et Sadomasochisme), vulgairement désigné par sado-masochisme, est associé à la perversion sexuelle et à la pathologie mentale, à la fois par la communauté scientifique et par le discours médiatique. Cependant, ceci est un phénomène complexe qui n'est pas compréhensible par les visions simplistes et réductrices. Le présent travail vise à comprendre et caractériser les acteurs, pratiques et contextes du BDSM au Portugal, ainsi que l'accès aux motivations et significations que ces acteurs attribuent à leur implication dans ces pratiques.

Nous avons opté pour une vue rapprochée du phénomène, en choisissant une méthodologie qualitative basée sur des entretiens semi-structurés et l'observation participante, à la fois dans le réel et le virtuel, car nous considérons important prendre le point de vue des acteurs impliqués. Par conséquent, nous avons mené 13 entretiens et nous étions sur le terrain, dans un total de 23 heures.

Nous concluons de notre recherche que la "culture" BDSM n'est pas homogène et que cela est un terme générique, qui comprend une variété de dynamiques et identités susceptibles d'être modifiées dans l'espace et le temps. Nous avons aussi conclu que le comportement des pratiquants est le résultat d'une construction personnelle et sociale, qui peut être vécue de différentes façons. Pour ces pratiquants, tous les aspects liés au BDSM doivent être négociés et encadrés dans une relation consensuelle. Nous en déduisons aussi que le BDSM ne se limite pas à la douleur, est un comportement marqué par le symbolisme et le mot-clé pour le comprendre est *fantasie*.

Nous jugeons que la pertinence de cette recherche est liée à la quasi-absence d'études au Portugal sur ce thème et que sa vision compréhensible et despatologizante peut avoir des implications pour les pratiques d'intervention.

Mots-clés: BDSM; Sadomasochisme; Sexualité; Droits Sexuels.

Índice Geral

Introdução.....	1
Capítulo I: Enquadramento Teórico.....	5
1.1. Pressupostos teóricos.....	5
1.2. Definição(ões) do objeto.....	8
1.3. Revisão da literatura.....	12
Capítulo II: Metodologia da Investigação.....	20
2.1. As questões que orientam a investigação.....	20
2.2. A metodologia qualitativa.....	21
2.3. O Método.....	22
2.3.1. As entrevistas.....	22
2.3.2. As observações.....	24
2.3.3. Os procedimentos e os participantes.....	24
2.3.4. Tratamento e análise de dados.....	28
Capítulo III: Análise e interpretação de dados.....	30
3.1. Entrar e permanecer no BDSM: os trajetos, as descobertas, as experiências e os fatores para a continuidade.....	30
3.2. Concepções sobre o BDSM e <i>ser BDSMer</i>	32
3.3. Fantasias, práticas e ferramentas do consentimento.....	35
3.4. Simbolismos: a importância do dresscode, a erotização dos instrumentos, o orgulho das marcas e a coleira como aliança	39
3.5. Quando a dor não é dor: representações sobre dor e prazer.....	41
3.6. A natureza dinâmica da troca de poder: posicionamento sobre o poder hierárquico.....	41
3.7. Relacionamentos íntimos no BDSM: a construção das relações BDSM e a sua interferência nos relacionamentos convencionais.....	43
3.8. Perceções sobre as representações sociais e a ocultação do comportamento <i>BDSMer</i>	45
3.9. A comunidade portuguesa <i>BDMer</i>	48

Capítulo IV: Considerações Finais.....	49
---	-----------

Capítulo V: Referências bibliográficas.....	51
--	-----------

Índice de Anexos

Anexo 1 – Guião da Entrevista aos praticantes de BDSM

Anexo 2 – Carta de apresentação do estudo

Anexo 3 – Excerto de uma entrevista, ilustrativo da análise de conteúdo efetuada

Introdução

O sadomasoquismo tem sido, quase sempre, associado à doença mental, à perversão sexual e ao crime. Quando se fala em sadomasoquismo é quase inevitável que se ouçam referências depreciativas e de rejeição. Estas ideias e atitudes, embora estereotipadas e preconceituosas, encontram fundamentação nas abordagens científicas ao fenómeno que se foram desenvolvendo desde o século XIX.

Atualmente, embora parte da ciência encare já estes comportamentos sexuais de forma diversa, os estudos nesta área são ainda escassos. Assim, com o intuito de contribuir para uma área lacunar, que se nota de sobremaneira em Portugal, o presente trabalho procura conhecer este fenómeno – mais lato do que é indicado pela designação sadomasoquismo – caracterizando os seus atores, as práticas e os contextos, bem como os significados que lhe são atribuídos.

O que tem sido descrito de forma mais simplista por sadomasoquismo inclui uma diversidade de práticas que vão além dos dois comportamentos que esta palavra encerra: sadismo e masoquismo. Assim, alguns investigadores e praticantes preferem utilizar a sigla BDSM, um acrónimo de Bondage, Disciplina, Dominação e Submissão e Sadomasoquismo, fazendo a distinção entre as suas diferentes componentes a saber: (a) Bondage e disciplina (B/D): envolve a retenção física e/ou representações de dinâmicas de poder, podendo haver alguma punição física mas enquanto expressão de disciplina sexual psicológica e não com o objetivo de causar dor; (b) Dominação e Submissão (D/s): inclui uma variedade de comportamentos sexuais que envolvem troca de poder consensual entre parceiros podendo ou não incluir outro tipo de atividades; e (c) Sadismo e Masoquismo (S/M): comportamentos e atividades sexuais que incluem experiências sensoriais envolvendo dor ou ameaça de dor física ou psicológica.

Outro aspeto que quer investigadores quer praticantes têm salientado relativamente a estas práticas é que se tratam de comportamentos sãos, seguros e consensuais, pois o objetivo primário é que cada participante tenha uma experiência agradável e não prejudicial ou abusiva (Williams, 2006). Desta forma, o BDSM distancia-se de atos criminosos ou de comportamentos de risco para a saúde e vida das pessoas.

No nosso estudo, decidimos usar o termo BDSM de forma generalizada por ser um termo mais amplo, de modo a abranger todo o tipo de comportamentos e práticas de poder e de dor consensuais e entre adultos.

Embora este tema ainda seja tabu, a verdade é que os ícones imagéticos que lhe estão associados (e.g. algemas, botas, espartilhos) se têm tornado mais visíveis e aceitáveis, por via da moda¹ e da publicidade. Aliás, pode-se argumentar que atualmente se assiste à utilização do BDSM como uma estratégia de marketing de venda de produtos para o público adulto *mainstream* (e.g. em certas publicidades de moda; quando o cartaz de uma feira portuguesa de produtos a preços baixos mostra uma mulher envergando um fato de látex e tem o título “dominamos a crise”; em recentes videoclips de cantoras pop que fazem alusão à temática do BDSM e fetiche²). Da mesma forma, as “sexshops” e as revistas populares têm vindo a encorajar as pessoas adotar estas práticas “kinky”³ para apimentar a sua vida sexual (Barker, Iantaffi & Gupta, 2007).

A pertinência deste estudo prende-se ainda com o facto de que, segundo o Novo Relatório sobre Sexo (Instituto Kinsey, 1990) e também de acordo com Weinberg (1995 *cit in* Garrott, 2008), 5 a 10% da população dos Estados Unidos da América e da Europa está envolvida em alguma forma de BDSM. Acresce a existência em todo o mundo de organizações e eventos de BDSM, bem como inúmeros materiais em lojas para adultos ou páginas na Web dedicadas ao tema (Keinplatz & Moser 2006 *cit in* Barker, Iantaffi & Gupta, 2007). Portugal não é exceção, pois aqui encontram-se diversos fóruns online, várias páginas pessoais e realização de festas/eventos com esta temática em espaços públicos e privados.

Se, em Portugal, os estudos são praticamente inexistentes, a nível internacional, a investigação científica neste domínio tem sido incipiente, quando comparada com a análise de outros comportamentos ditos “desviantes”. Notamos que, a par da escassez de investigação sobre este fenómeno e do interesse pelos seus atores e relacionamentos, os estudos são pouco diversificados, estando largamente associados à patologia mental.”

¹ Na coleção Outono-Inverno 2011/2012, as criações de roupa de estilistas como Louis Viton, Valentino, McQueen, entre outros, foram inspiradas nos elementos desta subcultura, incorporando o couro, o látex, os espartilhos e o bondage.

² Referimo-nos aos vídeos estreados em 2010/2011 *Not Myself Tonight* da cantora Christina Aguilera, onde esta aparece vestida com elementos associados ao BDSM, tais como fatos de látex, coleira e mordaca e onde são visíveis práticas de dominação; e ao videoclip da cantora Rihanna *S&M* onde aparecem cenas de dominação física, humilhação e bondage.

³ *Kinky* é um termo que se refere aos comportamentos sexuais consentidos por adultos que são vistos como não convencionais pela maioria da sociedade. Coletivamente, as práticas de BDSM e o fetichismo são muitas vezes chamadas de *kinky* e envolvem uma ou mais das seguintes características: poder hierárquico sob a forma de jogo, estimulação intensa através da imposição de dor física ou emocional (e.g. palmadas ou humilhação), estimulação sexual com privação sensorial (e.g. vendas para os olhos) ou restrição física (e.g. algemas), *role-playings*, uso de objetos e materiais como potenciadores sexuais (e.g. chicote) ou práticas fetichistas (e.g. fixação por pés) (Nichols, 2006).

O discurso medico-psiquiátrico, seguindo a linha de pensamento de Krafft- Ebing, tem abafado as vozes dos sujeitos, *patologizando* as suas práticas e também fomentando as representações negativas do BDSM como uma “ponte” para o comportamento patológico e criminal (Barker 2007). Este tipo de leituras baseia-se em amostras psiquiátricas com sujeitos que se apresentaram para tratamento, maioritariamente por outro motivo que não as suas práticas. Também a psiquiatria forense, frequentemente, descreve os comportamentos sadomasoquistas como estando relacionados com certos tipos de personalidades e desordens comórbidas (Garrott, 2008). No entanto, com a revolução sexual nos anos 60, nos EUA, as posições perante o sexo começaram a modificar-se e o movimento *leather*⁴ dos anos 70 reclamou o controlo dos seus espaços e das suas práticas de BDSM, organizando-se em comunidades (e.g. Eulenspiegel Society e Society of Janus) com o objetivo de unirem os praticantes, cocriarem uma cultura BDSM e reivindicarem os seus direitos, nomeadamente o direito a uma cidadania sexual. Posteriormente, os investigadores começaram a procurar compreender a experiência do BDSM e a dar voz aos próprios participantes, recorrendo a outros métodos e formas de amostragem (sobretudo da metodologia qualitativa fazendo uso, por exemplo, da observação participante) (cf. Beckmann, 2001; Langdridge & Butt, 2004, 2005; Ritchie & Barker, 2005; Stoller, 1991; Taylor, 1997; Taylor & Usher, 2001).

Também no nosso caso, uma vez que pretendíamos uma abordagem de dentro do fenómeno que permitisse obter e compreender os significados que os atores atribuem às suas vivências, comportamentos e práticas, ou seja, dar voz aos sujeitos sexuais invisibilizados e poder contribuir para uma visão mais abrangente da sexualidade humana, escolhemos o método qualitativo com entrevistas em profundidade e observação participante.

Como se caracteriza o BDSM em Portugal, é a questão primordial da nossa investigação. Quem são os seus atores, como se relacionam, que significados e motivações apresentam nas suas práticas, são questões de orientação que colocamos.

Para tentar ir de encontro a estes objetivos, dividimos a nossa dissertação em dois momentos inter-relacionados: uma parte centrada nos aspetos teóricos e uma outra parte centrada no estudo empírico realizado.

⁴ O movimento *leather* apareceu depois da II Guerra Mundial nos EUA e é considerado uma subcultura, sobretudo composta por homossexuais, que usa o cabedal como elemento sensualmente estimulante e onde se pratica também o culto da (hiper) virilidade.

A parte teórica inicia-se com os pressupostos teóricos que orientam a nossa investigação. Segue-se uma segunda alínea, referente à evolução e tentativa de definição do objeto, pois muitas têm sido as definições propostas, desde a noção estrita de doença mental ou perversão sexual até noções mais abrangentes que englobam aspetos como a erotização da dor, a importância da troca de poder, a exploração da sexualidade e até aspetos não sexuais, encarando o BDSM como um estilo de vida com valores e normas próprios. Finaliza-se esta parte com uma revisão da literatura que nos permitiu, não só, conhecer a produção científica acumulada nesta área do saber desde a publicação de *Psychopathia Sexualis* de Kraft-Ebing, em 1886, até à atualidade, como nos ajudou a enquadrar e a selecionar a metodologia para o nosso estudo.

A parte empírica dará conta da metodologia de investigação utilizada para a obtenção dos dados empíricos, bem como da sua análise e interpretação.

No final, abriremos um espaço para a reflexão sobre o fenómeno, discutindo-se a importância dos direitos fundamentais na sexualidade.

Capítulo I

Enquadramento Teórico

1.1. Pressupostos Teóricos

O primeiro nível da racionalidade do trabalho científico prende-se com a epistemologia dos métodos de investigação, existindo diferentes racionalidades que justificam diferentes modos de trabalhar em ciência (Lagache, 1949). Uma vez que neste estudo procuramos conhecer tanto a face visível dos comportamentos, como as motivações e os significados do envolvimento dos sujeitos no comportamento *BDSMer*, admitimos que a subjetividade tem um papel na investigação e que o mundo social não é passível de ser explicado através de imposições objetivas. Estes pressupostos são próprios do saber construtivista.

Hébert, Goyette e Boutin (1990) definem o construtivismo como englobando uma ontologia relativista (o real é apreendido sob múltiplas construções mentais), uma epistemologia transacional (investigador e objeto estão interactivamente associados) e uma metodologia hermenêutica (objetivo final é obter “construção” do consenso).

O paradigma construtivista é orientado para uma produção de conhecimentos sobre o mundo social de forma reconstruída (*idem*) em que o investigador incorpora e assume a sua própria subjetividade (Henwood & Nicolson, 1995 *cit in* Oliveira, 2008). Portanto, a realidade não é vista como externa aos sujeitos, nem verdadeira ou objectivável (Guba & Lincoln, 1989; Denzin & Lincoln, 1998), mas antes uma construção que os sujeitos realizam para dar sentido e lidar com a existência (Guba & Lincoln, 1989). Recuperamos, desta forma, a ideia de Karl Popper (1985) acerca da não existência de dados puros, isentos e objetivos e onde o conhecimento se pauta pela descodificação e interpretação da realidade. O conhecimento transforma-se, desta forma, numa construção significativa resultante da interação entre o investigador, as suas opções teóricas, epistemológicas e metodológicas e todos os atores envolvidos no processo (Manita, 1998). Logo, o critério positivista de validade interna e externa é substituído pela subjetividade e pela interpretação.

De acordo com Blumer (1986 [1969] *cit in* Oliveira, 2008), os objetos devem ser vistos como criações sociais decorrentes do processo de definição e interpretação dos atores. No âmbito da sexualidade, tal é visível, uma vez que os significados sexuais, identidades e categorias sexuais são negociados intersubjectivamente como produto social e histórico (Epstein, 1996 *cit in* Denzin & Lincoln, 2000), logo trata-se de um conceito construído socialmente. De facto, historiadores e antropólogos documentaram a variabilidade dos

sistemas culturais e históricos do significado sexual (cf. Greenber, 1988; Ortner & Whitehead, 1981 todos citados em Dezin & Lincoln, 2000).

De acordo com Charmaz (1995 *cit in* Oliveira, 2008), a postura interpretativa baseia-se no conhecimento “*de dentro*” e os objetivos desta passam pela descrição, explicação e compreensão das experiências vividas pelos sujeitos a partir do seu próprio ponto de vista. Weinberg (1987) dizia-nos que se quiséssemos entender as motivações e os comportamentos dos sadomasoquistas devíamos atentar nas definições dadas por essas pessoas, ao invés de impor as nossas próprias noções pré concebidas. Ou, como nos diz Agra (1993), *ouvir os fenómenos da transgressão é a única forma de os dizer corretamente*.

Defendemos, assim, que é fundamental desmontar a visão do que é ou não uma sexualidade normativa. De facto, a sexualidade permanece como um dos objetos privilegiados do olhar dos investigadores, mas também é ainda alvo de vigilância e controlo, continuando-se a perpetuar a sequência determinista de sexo–género–sexualidade. É neste aspeto que a teoria *queer* acaba por guiar teoricamente a nossa investigação, já que propõe um corte com a lógica determinista que postula que o sexo determina o género e, por conseguinte, o papel sexual e social.

Nas perspetivas contemporâneas são os estudos *queer* que mais têm destacado a cisão entre a sexualidade reprodutiva e a não reprodutiva, bem como entre género e sexualidade (Rubin, 1984; Vance, 1984; Butler, 2006 todos citados por Toneli, 2008). A teoria *queer* aparece para dar voz ao sujeito que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade do “entre lugares e do indecível” (Louro, 2004). O *queer* torna-se assim uma “atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar *Queer* significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e identidade” (Silva, 2000 *cit in* Louro, 2004, p.7). De acordo com Gamson (1995 *cit in* Denzin & Lincoln, 2000), a teoria *queer* marca uma identidade que é definida como um desvio das normas sexuais ou por auto comportamentos específicos, desafiando a “heteronormatividade” (Sullivan, 2003 *cit in* Barker, Iantaffi & Gupta, 2007) e estando sempre em constante evolução. Esta ideia pode ser aplicada ao BDSM, se pensarmos, por exemplo, em Weinberg (1987) quando este explica a sua construção como sinónimo de anormalidade para os demais, pelas expectativas da cultura vigente acerca da dominância dos homens e passividade das mulheres que, muitas vezes, não é encontrada no BDSM. Ou seja, a “teatralidade”

existente no BDSM pode servir para dissolver as narrativas da “naturalidade” da orientação sexual e as conexões normativas feitas entre atos sexuais e a identidade sexual/orientação/gênero⁵ (Barker, Iantaffi & Gupta, 2007).

O quadro não estaria completo sem focarmos a importância do interaccionismo simbólico no estudo do comportamento humano e da vida em sociedade. Esta grelha de interpretação coloca a ênfase na forma como as pessoas constroem significados e tem a capacidade de captar as características fundamentais do comportamento humano enquanto produto do social (Foddy, 1996). Blumer (1986 *cit in* Foddy, 1996) estipula como princípios do interaccionismo simbólico: (a) os seres humanos definem e interpretam as ações de cada um, não se limitando a responder a estímulos; (b) os seres humanos podem ser objeto da sua própria atenção; (c) o comportamento social consciente é intencional. Os seres humanos imaginam e ensaiam diferentes linhas e estratégias de ação antes de decidirem como vão atuar numa determinada situação social; (d) interpretação, planeamento e ação constituem processos contínuos que começam de novo em cada momento de uma interação social. Do exposto, concluímos que os sujeitos são ativos na construção do mundo e que agem em relação às coisas com base naquilo que elas significam para si.

Em suma, neste estudo reconhecemos a existência de realidades múltiplas, pressupondo que os indivíduos não difundem a realidade, mas antes a forma como a interpretam e lhe dão significado. Consideramos que os factos sociais não são puramente neutros nem objetivos e que o conhecimento não é independente de quem o produz (Henwood & Nicolson, 1995 *cit in* Oliveira, 2008), resultando da interação entre o investigador e o investigado num “processo de construção do sentido” (Foddy, 1996). Assim, pautamos a nossa investigação pelo interesse pelas dimensões ‘vivas’ e pelos significados produzidos no contexto da interação social (Agrosino, 2007).

⁵ Alguns estudos nesta área apontam para uma prevalência da submissão nos homens (à razão de vinte submissos para um dominador), enquanto, nas mulheres, os números revelam o contrário (há mais dominadoras do que submissas) (Albuquerque, n.d. *cit in* Freire, 2007). Apesar disso, existem casos em que a dominação é praticada pelos homens e a submissão pelas mulheres, podendo o BDSM ser encarado como uma perpetuação das normas e valores convencionais. Todavia, vários autores (cf. McClintock, 2003; Pullet, 2005; Villa, 2005 todos citados em Freitas, 2010) defendem o BDSM como uma forma de sexualidade legítima e libertadora tanto para homens como para mulheres, nomeadamente por ser uma forma de estimulação intensa do corpo e de prazer (Pullet, 2005 *cit in* Freitas, 2010). Enfatizam, ainda, que dentro do BDSM, as mulheres são empoderadas através da sua sexualidade, fazendo-se donas dos seus corpos e dos seus desejos (Villa, 2005 *cit in* Freitas, 2010).

1.2. Definição(ões) do objeto

Delimitar o conceito de BDSM não é simples uma vez que se encontra uma multiplicidade de definições que nos remetem para diferentes concepções do fenómeno e com diversos graus de abrangência.

Moser (1998 *cit in* Williams, 2006), um autor de referência nesta área, alerta para o facto da não existência de uma definição comumente aceite sobre o BDSM, pois é difícil encontrar uma definição que seja do agrado dos praticantes e também dos cientistas ou dos profissionais de saúde. Coloquialmente, pode-se definir o BDSM como um interesse erótico em dar ou receber estimulação dolorosa (física ou psicológica). Todavia, se adotarmos esta noção, é preciso salientar que a percepção da dor está no julgamento do observador uma vez que o praticante pode não relatar a experiência como dolorosa (Moser, 1999).

Diversos autores utilizam a abreviatura S&M, SM ou S/M para se referirem à mesma panóplia de práticas (cf. Langdridge & Barker, 2005 *cit in* Barker, Iantaffi & Gupta, 2007; Kleinplatz & Moser, 2006). Não obstante, o termo BDSM parece ser mais abrangente e preferido entre os participantes, já que ilustra com maior precisão a diversidade de práticas envolvidas, abarcando as diferentes componentes da experiência (Williams, 2006).

Weinberg, Williams e Moser (1984 *cit in* Weinberg, 1987) identificaram as características sociais deste comportamento sexual, ou seja, a dominação/submissão, o *role playing*, a consensualidade, o contexto sexual e a definição mútua. BDSM é então um termo usado para englobar o conjunto de práticas supra enunciadas, incluindo também a imposição de dor, a troca de poder, a humilhação deliberada, a restrição física, o uso de fantasias, entre outras (Alison, Santtila, Sandnabba & Nordling, 2001), muitas vezes, mas não exclusivamente, num contexto sexual (Barker, Iantaffi & Gupta, 2007).

A definição do termo “sadomasoquismo” é, igualmente, muito complexa. Até ao final do século XIX, a desviância sexual não existia enquanto fenómeno médico (Gordon, 2008). Krafft-Ebing (1886 *cit in* Langdridge, 2006) foi o primeiro a introduzir os termos “sadismo” e “masoquismo” na terminologia médica e psiquiátrica, enfatizando a ligação entre estas fantasias sexuais e a prática de crimes (Nobre, 2006) e a compulsão para matar (Schlesinger, 2004 *cit in* Gordon 2008). A partir desse momento, o sadismo passou a significar a perversão sexual em que a satisfação erótica advém da prática de atos de

violência ou de crueldade física ou moral infligidos ao parceiro sexual, baseando-se esta nomenclatura em Marquês de Sade e nos seus escritos eróticos cruéis⁶. O conceito de masoquismo também foi cunhado por Krafft-Ebing, por analogia às personagens dos romances de Leopold von Sacher Masoch, escritor austríaco do século XIX e autor de romances sobre o erotismo dominado pela volúpia do sofrimento (Albuquerque, 2006)⁷. Definiu-se então o masoquismo como a perversão sexual que leva a procurar o prazer na dor, ou perversão sexual em que a pessoa fica deleitada por ser maltratada, ou sente prazer em torturar-se. Com esta nova categorização médica, depressa o sadismo e o masoquismo se tornaram demonizados pelo olhar público, estatal e médico (Langdridge, 2006).

No início do século XX, Freud (2001 [1905]) combinou os termos sadismo e masoquismo para produzir um novo “rótulo”: sadomasoquismo. Freud caracterizou este comportamento como uma perversão, com uma componente agressiva da pulsão sexual onde na mesma pessoa existiriam dois traços distintos: o masoquismo seria uma continuação do sadismo voltado para o próprio sujeito e o sujeito sádico seria sempre ao mesmo tempo um masoquista.

Lacan (1963 *cit in* Nahra, 2005, p.223) também se propôs a pensar sobre o sadomasoquismo, definindo o masoquista como alguém que *procura no outro as respostas para sua angústia* e o sádico como alguém que *exige a angústia do outro*. Para o autor o sadismo não é contrário do masoquismo. Do ponto de vista filosófico de Deleuze (1973 *cit in* Nahra, 2005), o sádico era definido como alguém que precisa de instituições e o masoquista de relações contratuais, ou seja, para o autor *a possessão é a loucura característica do sádico, o pacto, a do masoquista*.

Apesar da leitura patologizante da época, em 1942, Ellis (*cit in* Ernulf & Innala, 1995) evidenciou a diferença entre dor como é comumente percebida e a dor com o propósito de obtenção de prazer sexual, rejeitando a ideia de que o sadomasoquismo se baseia em crueldade. Este autor defendeu que os sádicos limitavam o seu gosto pela dor a situações sexuais de dominação/submissão e preocupavam-se com o prazer do outro. Ellis ofereceu uma nova grelha de leitura sobre o fenómeno e encetou o que se pode ser chamado de movimento reformista da sexualidade (Nobre, 2006).

⁶ Donathien Alphonse François de Sade (1749-1789), mais conhecido por Marquês de Sade, escreveu, entre outras obras, os *120 dias de Sodoma*, onde narra a gratificação sexual de quatro homens, através de orgias, violações sexuais e tortura das suas vítimas e *Justine Os infortúnios da virtude* onde conta a história de uma jovem virtuosa sujeita a uma série de abusos sexuais.

⁷ Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895), entre outros romances, escreveu *A Vénus das peles*, onde aborda um relacionamento, em que o homem educa a sua mulher para que o flagele, num contrato de papéis em que ele é o escravo e ela a mestre.

Gebhard (1969 *cit in* Weinberg, 1987) e Spengler (1977), na definição de BDSM, enfocam a obtenção de excitação sexual através do ato de infligir/receber dor física ou mental, ou através da ritualização da submissão/dominação. Já Califia (2001 *cit in* Garrott, 2008) sublinha esta prática como sinónimo de atividade sexual mutuamente prazerosa entre adultos e com consentimento, que envolve *role-playing* na dominação/submissão e restrição física ou dor erótica. Portanto, subjacente a estas definições existe uma variedade de comportamentos sexuais que são experienciadas pelos parceiros como geradoras de prazer⁸ (Rye & Meaney, 2007), pois permitem que os participantes auferam da troca de poder e controlo. Assim, vários autores (cf. Dancer, Kleinplatz & Moser, 2006; Foucault, 1984; Freeman, 2008; Langdridge & Butt, 2005; Moser, 1999) enfatizaram que a essência do BDSM está no ritual de troca de poder assente na dominação pelo *top* e na submissão do *bottom*⁹. No nosso estudo, optamos por usar indiscriminadamente os conceitos submisso e dominador, mesmo quando nos referimos a relações marcadas pela exclusividade, para as quais os praticantes utilizam os termos escravo/dono.

Para Califia (1979), o BDSM poderia ser melhor entendido como uma troca, erotizada e consensual de poder. Segundo a autora, a dinâmica básica do BDSM não seria a imposição da dor, porque esta é apenas uma das muitas técnicas que ajudam a delinear o poder e o *status*. De facto, a ideia de que é na troca de poder que reside o principal elemento do sadomasoquismo (Townsend, 1983 *cit in* Haymore, 2002) também é partilhada por vários praticantes que relatam que é a troca de poder consensual que é erótica e que a dor é apenas um meio para atingir essa troca (Moser, 1999). Por troca de poder erótica¹⁰ entenda-se “qualquer situação em que os parceiros de livre vontade e opção própria incorporam o poder na sua relação sexual” (Fetish Information Exchange, 2002 *cit in* Langdridge & Butt, 2005).

⁸ Mass (1979 *cit in* Weinberg, 1997) levantou a hipótese de que a chave para perceber a importância e a erotização da dor para alguns praticantes seja o aumento de endorfinas e opiáceos químicos, fazendo com que continuamente estes se envolvam em atividades mais severas graças ao bem-estar e euforia sentidas pela libertação dessas endorfinas.

⁹ *Top*: posição de quem exerce a dominação. Aqui encontram-se os/as dominadores/as e donos/as; *Bottom*: posição ocupada por quem se dispõe a obedecer e a submeter-se às ordens do/a dominador/a. Nesta categoria encontram-se os/as submissos/as e escravos/as. É de salientar que os termos *top* e *bottom* são uma tentativa de eufemizar o sentido patologizante da alusão ao sadismo de Sade e ao masoquismo de Masoch mas, para os praticantes sádicos e masoquistas, estes termos não fazem sentido (Califia, 2001).

¹⁰ A troca de poder erótica limita-se à interação sexual BDSM e não se estende para outras áreas do relacionamento entre os praticantes. Existem praticantes que decidem especificamente incorporar os seus interesses BDSM como base de toda a relação em todos os domínios, havendo uma troca de poder total ou transferência total de poder. Nesta situação, o submisso escolhe ser “escravo” o que significa que transfere conscientemente todo o seu poder para o parceiro dominador. Saliente-se que o relacionamento continua a ser consensual, ambos os parceiros concordam no diferencial de poder e os limites são acordados. Neste caso, o dominador passa a controlar todos os aspetos da vida do submisso.

Também Foucault (1984) conceptualizou o BDSM como uma erotização do poder e como um “jogo sempre fluído”, onde é possível o intercâmbio das posições de dominação e submissão nas espirais do poder. O resultado desse intercâmbio seria que tanto o prazer como o poder poderiam ser trocados entre eles e os papéis poderiam ser invertidos. Ainda que os papéis fossem estáveis e não ocorresse nenhuma inversão, o BDSM seria sempre um jogo criador de prazer.

Contudo, apesar das definições e das grelhas de leitura do fenómeno tenderem, atualmente, a afastar-se da associação com a patologia mental, o DSM-IV-TR (2000) inclui o sadismo e o masoquismo nas perturbações sexuais de identidade de género sob a designação de parafilias¹¹, ou seja, uma “síndrome de disfunção do indivíduo nas suas componentes comportamental, psicológica e biológica” (Albuquerque, 2006, p.121). De acordo com este manual, as parafilias são definidas como comportamentos ou fantasias intensas e recorrentes, sexualmente excitantes, envolvendo geralmente objetos não humanos, atos nos quais o sujeito infligindo dor psicológica ou física (incluindo humilhação) na vítima, sente-se excitado – sadismo sexual – ou fantasias sexualmente excitantes, recorrentes e intensas, impulsos sexuais ou comportamentos envolvendo o ato de ser humilhado, espancado, atado ou submetido a outra forma de sofrimento – masoquismo sexual.

Por fim, nos últimos anos, alguns autores têm tentado uma definição mais ampla, não cingindo o BDSM às práticas mas a uma noção mais alargada de estilo de vida. Weinberg (1995 *cit in* Williams, 2006) conceptualiza o BDSM como a participação em determinados comportamentos no contexto de uma relação íntima, com referência a um estilo de vida ou subcultura com o seu próprio conjunto de valores, normas, símbolos e organizações. Weiss (2006) corrobora esta definição argumentando que o BDSM deve ser visto como um conjunto de atividades e comportamentos, como uma orientação e identidade sexual, um estilo de vida, passatempo ou forma de espiritualidade. Igualmente, Williams (2006) associa a panóplia de comportamentos e práticas, não só à sexualidade, mas também a um estilo de vida/subcultura composta por participantes que regularmente se envolvem em tais práticas. Apoiando-se na teoria de Stebbins (1982), Newmahr (2010)

¹¹ No que respeita aos comportamentos sexuais considerados “anormais”, o DSM tem denotado uma evolução classificativa ao longo das suas diferentes versões. De acordo com Gomes (2003), que chama a atenção para a relatividade destas classificações, no DSM-I, de 1952, os desvios sexuais estavam incluídos nas perturbações sociopáticas da personalidade (onde figurava a masturbação); o DSM-II, de 1968, falava de desvios sexuais no âmbito das desordens de personalidade (sendo que a homossexualidade ainda constava desta classificação, tendo sido retirada apenas em 1973); no DSM-III, em 1980, é introduzido o termo “parafilias” nas desordens psicosexuais, que vem substituir as designações “aberração”, “perversão” e “desvio”.

explora o BDSM como um verdadeiro *hobbie/lazer* enquanto atividade que requer conhecimentos específicos, envolve recursos e uma rede social e que fornece benefícios.

Podemos concluir que o BDSM é um fenómeno multifacetado e complexo, onde os comportamentos têm um significado específico para determinado contexto (Weinberg, 1987), envolvendo fantasias em diferentes graus (Broasky, 1993 *cit in* Weinberg, 2006) e onde as preferências e as práticas são bastante variáveis e dependentes das ocasiões e dos significados pessoais.

Ao envolver a dominação e a submissão e a dor, é a negociação de poder que demarca a diferença entre o jogo erótico consensual e o abuso (Langdridge & Butt, 2005) e, por isso, os participantes discutem entre si os limites da interação e a forma como ambos desfrutarão da experiência. Frisemos ainda que a coerção e a humilhação são cuidadosamente construídas num esforço para inverter a “etiologia traumática”, isto é, nunca produzindo uma verdadeira humilhação mas somente uma imitação desta. (Stoller 1991 *cit in* Weille, 2002)

Em suma, o BDSM pode ser entendido como um conceito que abrange uma dimensão individual, a nível dos comportamentos e práticas preferidas, e uma dimensão social, enquanto subcultura com valores e normas próprios, onde os membros aprendem os padrões que facilitam a promulgação dos cenários sexuais e recriam novas possibilidades de prazer. Todavia, o BDSM, se entendido como a exploração do eros, da erotização do corpo e do potencial erótico (Thompson, 1994 *cit in* Plante, 2006), não se encerra nas práticas sexuais, podendo-se estender a aspetos não sexuais

1.3. Revisão da literatura

Ao longo dos tempos, as sociedades humanas foram impondo limites aos comportamentos sexuais, de acordo com os valores historicossociais de cada época e as práticas sexuais que divergiam dos cânones morais vigentes foram amplamente estudadas, classificadas e etiquetadas (Martins & Ceccarelli, 2003). Mesmo a ciência, que fez do BDSM um objeto de estudo (na área da medicina, psicologia, sociologia, antropologia), tem investigado o fenómeno de diferentes formas, percorrendo variados modos de explicação, desde explicações simples e lineares até às mais complexas e profundas.

Antes de Krafft-Ebing, o sadomasoquismo não era nem uma doença nem um pecado e era visto como uma curiosidade e não como uma desviância (Bullough, 1976).

Com a publicação de *Psychopathia Sexualis*, em 1886, Krafft-Ebing inicia uma visão *patologizante* do sadomasoquismo dando seguimento a um movimento que ficou conhecido como “medicalização do pecado” (Haeberle, 1990 *cit in* Nobre, 2006), proporcionando um rótulo científico a uma moral sexual fortemente repressiva (Nobre, 2006).

Durante o século XX, o principal foco de estudo e tratamento destes comportamentos sexuais foi efetuado pela psicanálise. Freud (2001 [1905]) via o sadismo e o masoquismo como “aberrações sexuais” por se terem desviado do objeto sexual normal que seria a penetração peniana-vaginal. Em 1938, Freud (*cit in* Weinberg, 2006) advogou que o sadismo poderia corresponder a uma “componente agressiva da pulsão sexual que se tornou independente e exagerada” e o masoquismo seria uma “reversão da componente sádica”, logo seria uma “perversão” que não poderia ser separada do sadismo. Esta grelha de leitura é própria do período vitoriano extremamente conservador, devendo-se ainda ao facto de os defensores da mesma, somente terem contacto com os sadomasoquistas através dos trabalhos literários (que descreviam comportamentos de extrema obsessão) e/ou dos seus clientes que procuravam a terapia para outros problemas (Stekel, 1965 *cit in* Weinberg, 2006).

A visão do BDSM como uma psicopatologia foi perpetuada por outros psicanalistas e continuou a ser a base de compreensão do desvio sexual, incluindo explicações como: experiências traumáticas na infância (e.g. Stolorow, 1975; Valenstein, 1973 ambos citados por Garrott, 2008), conflitos infantis não resolvidos (e.g. Blum, 1976 *cit in* Garrott, 2008), falhas no desenvolvimento (e.g. Bychowski, 1959; Molinger, 1982 ambos citados por Garrott, 2008), abusos sexuais na infância, experiência de culpa irracional, raiva inconsciente, desejos de vingança e frágil sentido de identidade (Ross, 1997 *cit in* Weinberg, 2006). Estes autores psicanalistas contemplam os problemas encontrados em vários estágios do desenvolvimento psicosexual como sendo as raízes do comportamento sadomasoquista na idade adulta (Breslow, Evans & Langley, 1985).

Similarmente, a literatura forense focou-se em estudos de casos de pessoas que cometeram crimes e/ou estavam presas, não fazendo uma distinção entre aqueles cujo desejo sexual seria despertado pelo exercício do poder e do controlo consensuais e os outros cujo desejo sexual era a expressão de violência e agressão (e.g. Marshall & Hucker, 2006 *cit in* Garrott, 2008).

A abordagem behaviorista/comportamentalista também se pautou pelo reducionismo e simplicidade ao defender que várias respostas condicionadas eram a causa

de interesse dum indivíduo por esta forma de comportamento sexual (Breslow, Evans & Langley, 1985) e que o comportamento sadomasoquista estava associado a uma exposição precoce que seria reforçada se o prazer sexual fosse combinado com punição física pelos pais (Cross, 2001 *cit in* Garrott, 2008).¹²

Baumeister (1988) propôs um corte com as teorias atrás enunciadas, sugerindo que as práticas masoquistas fossem lidas a partir da teoria de redução de stress. De acordo com este autor, os comportamentos dos praticantes de BDSM não passam de uma maneira segura para muitas pessoas escaparem temporariamente ao seu *self* e ao nível superior de autoconsciência como uma entidade simbólica e fugir às demandas do quotidiano, através da delegação do poder de controlo, da experiência da dor e/ou através da fuga às pressões permanentes dos papéis de género. O mesmo autor (1989 *cit in* Cross & Matheson, 2006) especulou, inclusive, que o sadismo possa ser, não uma necessidade de escapar à consciência, mas antes um reforço do autoconceito, pois o papel de sádico possibilita um reforço do alto nível de consciência a fim de controlar ativamente a “cena” e minimizar os riscos.

A par do exposto, outras áreas das ciências sociais interessaram-se por este fenómeno numa tentativa de ultrapassar as limitações impostas pela produção dos estudos centrados em casos de pacientes sadomasoquistas em terapia, tratados como se vivessem num vácuo social onde as interações, os seus desejos e o seu meio, não eram examinadas (Weinberg, 2006).

O ensaio *Fetichismo e Sadomasoquismo* do antropólogo Paul Gebhard (1969, *cit in* Weinberg, 1987) foi uma grande contribuição para novos estudos ao enfatizar a situação interativa do sadomasoquismo com a aparência dum ritual planeado ou de uma produção teatral, cuja explicação não se encontra no indivíduo, mas na organização social das relações de dominância/submissão estabelecidas. Sádicos e masoquistas começam então a ser tratados como entidades sociais dependentes de significados culturalmente apreendidos e reforçados por participação na subcultura BDSM.

As pesquisas posteriores, que enfatizam a utilização de diferentes métodos e formas de recolha de dados, tentam estudar o comportamento *BDSMer* dentro de um contexto social.

O primeiro estudo empírico com uma grande amostra de sujeitos, 245 homens alemães que se auto identificavam com o sadomasoquismo, foi efetuado, em 1977, por

¹² Por contraste os resultados de um estudo realizado por Moser (1979 *cit in* Weinberg, 1987) revelam que 80% das pessoas negaram ter obtido prazer erótico através da punição quando eram crianças.

Spengler através de questionários. Este estudo, explorativo e descritivo, focou-se na organização da subcultura e na forma como cada um dos sujeitos era atraído para este tipo de sexualidade ou lidava com os conflitos sociais subjacentes às suas necessidades sexuais.

Identicamente, Falk e Weinberg (1980 *cit in* Weinberg 1987) analisaram a organização social dos heterossexuais sadomasoquistas, através da realização de entrevistas e de análises de conteúdo da literatura, *flyers*, publicidade e revistas sobre o tema. Estes autores descobriram que existem diferentes formas dos participantes contactarem uns com os outros, seja através da publicidade, da participação em clubes e organizações, ou de práticas de *swing* ou de prostituição, entre outros. Os autores salientam que existem muitos tipos de organizações de BDSM que facilitam o contacto social, fornecem informação sobre técnicas ou eventos e que desenvolvem justificações para que as pessoas aceitem os seus sentimentos como normais. Em suma, podemos dizer que funcionam como agentes de socialização e de suporte dentro do BDSM.

Lee (1979 *cit in* Weinberg, 1987) examinou o controlo social dos riscos no mundo sadomasoquista homossexual e constatou que o índice de lesões era muito baixo devido às condições sociais existentes nesta subcultura, à utilização de territórios protegidos, como bares, que facilitavam o contacto entre participantes e o desenvolvimento de redes sociais de apoio e também devido ao cuidado em negociar a sessão clarificando-se riscos e definindo-se os limites da interação (nomeadamente através do uso de uma *safeword* ou palavra de segurança).

Estes estudos foram importantes para se perceber os processos sociais envolvidos no BDSM. Todavia questões sobre como se adquire ou desenvolve esta identidade¹³ e como processa a socialização dentro da subcultura BDSM ainda não estavam totalmente respondidas.

Patrias (1978 *cit in* Weinberg, 1987) desenvolveu um estudo etnográfico em organizações BDSM e entrevistou 98 pessoas, com a finalidade de responder à questão de como se processa a socialização e perceber quais as técnicas usadas para manter contacto com outros praticantes. Patrias concluiu que a socialização ocorre em resultado do contacto com outros participantes, a partir da apropriação das normas, valores e lidando com os estereótipos negativos. Propõe que a manutenção da participação depende da definição de

¹³ Moser (1979, *cit in* Weinberg, 1987) tentou estudar a “autoidentificação” de uma amostra de participantes sadomasoquistas ao invés de estudar simplesmente o seu comportamento. Porém a questão acerca do papel que o comportamento sadomasoquista tem na aquisição da identidade do praticante não foi tratada.

que a pessoa faz da experiência enquanto sexualmente agradável e potencialmente satisfatória.

Kamel (1980, *cit in* Weinberg, 1987) encetou uma tentativa de delinear o processo pelo qual a identidade de *leatherman* é adquirida. Neste trabalho, Kamel enfatizou a interação entre as necessidades das pessoas, que nem sempre estão relacionadas com o sadomasoquismo, e a aprendizagem das possibilidades que contribuem para a sua realização, através da participação na subcultura BDSM. Assim, a identidade de um *BDSMer* assentaria num processo de socialização contínuo.

O desenvolvimento da identidade no BDSM, parece ser então parte de um processo interativo, relacionado com a socialização, onde a integração na subcultura BDSM aparece positivamente correlacionada com o ajustamento ao *self* e ao comportamento *BDSMer* (Patrias, 1979; Kamel & Weinberg, 1983 todos citados em Weinberg, 1987)¹⁴.

Apesar dos avanços constatados, no domínio da Psiquiatria e da Psicologia, o sadismo e o masoquismo continuam a figurar e a ser classificados como distúrbios sexuais – parafilias no DSM-IV-TR (2000), constituindo transtornos, quando causam desconforto significativo ou dificuldade no funcionamento social, ocupacional ou noutras áreas importantes do funcionamento, tal como já foi referido. Todavia, a partir da revisão da literatura efetuada, tornou-se indubitável que a asserção de que o BDSM é patológico, que os praticantes são desajustados emocionalmente e que tais práticas são resultado de abusos sexuais na infância e/ou disfunções sexuais carecem de fundamentação. Existem evidências empíricas que sustentam que os praticantes de BDSM nem são mais perigosos nem desajustados do que a população em geral (Baumeister, 1988; Cowan, 1982 *cit in* Garrot, 2008; Cross & Matheson 2006; Haymore, 2002; Levitt, Moser & Jamison, 1999; Moser & Levitt, 1987; Sandnabba *et al*, 2002, *cit in* Richters *et al*, 2008; Scott, 1983 *cit in* Ernulf & Innala, 1995; Spengler, 1977).

Stoller (1991), baseando-se em observações feitas em clubes de BDSM, sugeriu que os praticantes não são nem mais autodestrutivos nem autopunitivos do que os não praticantes, diferenciando os atos consensuais dos não consensuais. Similarmente, os dados obtidos por Cross & Matheson (2006) através de um questionário psicométrico comparando respostas de sadomasquistas com não sadomasquistas, não suportam a visão de que o sadismo e o masoquismo são uma doença, pois as medidas de doença mental não

¹⁴ Kinsey, Pomeroy, Martin e Gebhard (1953 *cit in* Moser, 1999) encontraram 24 espécies animais com comportamentos sadomasquistas durante o coito, assumindo que, do ponto de vista filogenético, não é surpresa encontrar tais comportamentos nos humanos e que estes são parte do repertório de comportamentos inatos nos homens e nas mulheres, a nível sexual.

diferiram entre os dois grupos. Connolly (2006), por seu lado, tendo administrado uma bateria de testes psicológicos a 132 sujeitos, obteve resultados que denotaram a ausência de patologias de transtornos de personalidade e a inexistência de diferenças significativas nas escalas de ansiedade, de obsessão-compulsão, desordem da identidade associativa, personalidade sádica e masoquista e de paranoia. Os níveis mais elevados reportavam-se a sintomas de personalidade histriónica ou narcísica, embora tal resultado não seja patológico e possa estar relacionado com as sessões e festas onde o exibicionismo é requerido (Brame, Brame & Jacobs, 1993 *cit in* Connolly, 2006). No estudo de Connolly (2006), a angústia mencionada por 55.1% dos inquiridos não se devia às práticas ou comportamentos BDSM, mas ao medo da estigmatização que adviria se os outros descobrissem as suas práticas. De facto, de acordo com Moser e Madeson (2000 *cit in* Stiles & Clark, 2011) é o medo das consequências que faz com que muitos praticantes ocultem a sua identidade “desviante”.¹⁵

Richter *et al* (2008) realizaram um estudo acerca das características demográficas e psicológicas dos participantes do BDSM na Austrália, entre 2001 e 2002, com uma amostra de 19.307 respondentes, apurando que a hipótese que sustenta que o engajamento nas práticas está associado a maiores níveis de angústia psicológica e desordens emocionais e psicológicas não é válida. Também Sandnabba *et al* (1999) concluíram que 38% da amostra, constituída por 164 homens finlandeses sadomasoquistas eram bem ajustados psicossocialmente¹⁶.

Assim, muita da investigação realizada denota que o estereótipo dos praticantes de BDSM como indivíduos desviantes e com problemas emocionais, baixa autoestima, ou até mesmo problemas sexuais, não se verifica. De facto, em alguns estudos, os participantes sentiam-se contentes com as suas práticas e alguns viam-se como especiais, criativos e mais emocionantes (Scott, 1983 *cit in* Ernulf & Innala 1995), tendo uma visão

¹⁵ O Segundo Inquérito sobre Violência e Discriminação contra Minorias Sexuais (Wright, 2008) prova que este medo não é infundado pois 37.5% dos sujeitos inquiridos já tinha sido discriminado ou experienciado alguma forma de violência.

¹⁶ A amostra apresentava uma formação universitária e rendimentos mensais superiores à média da população em geral. O alto nível de escolaridade e o salário superior em relação à população em geral na comunidade sadomasoquista, já tinha sido constatado por Scott (1983 *cit in* Baumeister, 1988) que descreveu os participantes na dominação na Costa Oeste dos Estados Unidos como mais educados, com melhores rendimentos e um melhor suporte profissional e, também, por Janus, Bless e Saltus (1977 *cit in* Baumeister, 1988) que encontraram uma grande quantidade de práticas sexuais masoquistas entre políticos de sucesso e outras figuras de poder.

extremamente positiva e ego-sintônica do seu comportamento sexual (Sandnabba et al, 2002).

Beckmann (2001) a partir da observação participante e de entrevistas durante um ano em clubes S&M, pôde verificar que as práticas sadomasoquistas consensuais revelavam-se satisfatórias sexual e emocionalmente, pois eram vistas pelos praticantes como uma forma alternativa à sexualidade genital normal, mais segura e repleta de novidades e que permitia explorar diferentes dimensões da vivência corporal podendo transformar essa vivência, ao mesmo tempo que permitiam transgredir os estereótipos gays e lésbicos da sexualidade. No estudo de Martins e Ceccarelli (2003), os resultados de 111 sujeitos dos dois sexos e com diferentes orientações sexuais também indicaram que os praticantes se sentiam em sintonia com as suas preferências sexuais que eram experienciadas como prazerosas, sentindo-se privilegiados por terem uma sexualidade diferente daqueles que vêm no sexo e nos papéis convencionais a única forma de expressão de amor e intimidade.

Foram, também, realizados estudos acerca das preferências sexuais de acordo com o gênero e a orientação sexual dos praticantes de BDSM.

Weinberg *et.al* (2001) encontraram suporte empírico que permitiu identificar diferentes facetas dos comportamentos praticados. Assim, os sujeitos do sexo feminino preferiam significativamente temas associados à humilhação, enquanto os do sexo masculino estavam mais predispostos a envolver-se em temas relacionados com a hipermasculinidade. No que respeita à orientação sexual, Moser e Levit (1987 *cit in* Sandnabba *et al.*, 2002) verificaram que os homossexuais eram mais apreciadores de fatos de couro, sexo anal, vibradores e sessões com uniformes, enquanto que os heterossexuais apreciavam mais a humilhação, vendas nos olhos, sexo vaginal e chicotes.

Os resultados mostram que as práticas de BDSM estão intimamente relacionadas com um grande número de práticas sexuais, grande e satisfatória atividade sexual e forte interesse no sexo (Richter *et al*, 2008). Além disso, a maioria dos participantes continuam a praticar sexo convencional¹⁷ (Sandnabba *et al*, 2002). A fixação exclusiva pela prática de BDSM parece ser rara pois, segundo Spengler (1977), só 15% dos seus inquiridos atingiu o orgasmo unicamente com a atividade BDSM, enquanto 45% atingiu o orgasmo sem estas práticas. No estudo de Sandnabba *et al* (2002), apenas 1/3 sujeitos referiu que somente o sadomasoquismo os satisfazia sexualmente.

¹⁷ O termo que os praticantes de BDSM utilizam para designar o sexo convencional é “sexo baunilha”.

Na revisão efetuada, encontramos, também, estudos que analisaram a ligação entre o comportamento *BDSMer* e práticas sexuais forçadas. Moser (2002 *cit in* Nichols, 2006) afirma que não há nenhuma evidência de que o interesse pelo BDSM decorra de abusos sexuais praticados na infância. Por sua vez, na investigação de Nordling, Sandnabba e Santtila (2000), 22.7% das mulheres e 7.9% dos homens reportaram abuso sexual na infância.

Quanto à análise de outras variáveis, descobrimos investigações que estudaram as visitas aos médicos por lesões entre *BDSMers* (Nordling, Sandnabba & Santtila, 2000), o background familiar dos praticantes (Santtila *et al*, 2001; Patterson, 1998) e os diferentes estilos de vinculação destes (Shaver, Hazan & Brandshow, 1988 *cit in* Santtila *et al*, 2001).

Por último, em Portugal, constata-se uma quase ausência de estudos relativos à realidade sadomasoquista. A partir da revisão que efetuamos, verificamos a existência de um trabalho de conclusão de licenciatura em Sociologia, assente na realização de entrevistas e na observação participante num bar que existiu no Porto, direcionado para os praticantes de BDSM e uma investigação acerca da caracterização da comunidade BDSM por Pascoal, Henriques e Monteiro (2006), através da internet. De acordo com os resultados provisórios desta investigação, o nível sócio económico dos praticantes é médio alto com habilitações literárias de nível superior. Na amostra, 71% são heterossexuais e 29% bissexuais e as mulheres são cerca de 10 anos mais novas, mais frequentemente bissexuais, têm menor dificuldade em manter a excitação no contexto do BDSM, iniciaram as suas práticas mais cedo do que os homens e estão mais frequentemente envolvidas numa relação amorosa com quem mantêm as práticas. Em relação às práticas, metade dos participantes prefere aquelas que são associadas às encenações e à experimentação de papéis de dominação ou submissão em relação ao coito ou à experimentação de dor física. (Pascoal, Henriques e Monteiro, 2006 *cit in* Freire, 2007).

Capítulo II

Metodologia da Investigação

2.1. Questões que orientam a investigação

A presente investigação tem como principal objetivo incrementar os conhecimentos sobre o fenómeno do BDSM em Portugal.

Face à escassez de conhecimento científico produzido no nosso país, este estudo, de carácter exploratório, pretende ser extensivo, levando-nos a optar por uma lógica mais compreensiva e descritiva, mas também explicativa e interpretativa do objeto de estudo.

Para atingir esta finalidade, tomamos como linhas orientadoras o estudo dos seguintes temas:

1. Contextualização da emergência do BDSM em Portugal, enquanto fenómeno organizado.
2. Caracterização dos atores, nomeadamente no que concerne às características sócio-demográficas, forma como se veem e ao papel que desempenham nas interações de BDSM.
3. Motivações associados ao seu envolvimento nas práticas de BDSM.
4. Organização social do fenómeno e a natureza das relações ou interações estabelecidas entre praticantes.
5. Perceção da reação social ao fenómeno pelo exogrupo (família, amigos, meios de comunicação social, profissionais de saúde) e implicações desta na vida psicológica.

Em síntese, trata-se de ter em conta os vetores de análise individual, ecológico e social, de modo a examinar criticamente os discursos dominantes sobre o objeto e pôr a investigação científica ao serviço da desocultação de uma minoria sexual.

Pelo facto de os nossos objetivos não se dirigirem aos aspetos quantificáveis e mensuráveis estatisticamente e por não termos o propósito de generalização e elaboração de leis explicativas, mas antes compreender uma realidade particular idiossincrática e contribuir para uma visão mais abrangente do BDSM, optamos pelo plano metodológico que descrevemos a seguir.

2.2.A metodologia qualitativa

De acordo com Weinberg, Williams e Moser (1984 cit in Weinberg, 1987), o BDSM é produto de uma definição mútua que, juntamente com as práticas, depende dos significados atribuídos pelo grupo onde correm. Tal, tornou-nos conscientes da importância de emergir no terreno sem o levantamento de hipóteses *a priori*, esperando que este nos dê indicações sobre as suas características. Assim, e tomando como fundamental a adequação do método às exigências do objeto (Fernandes, 1997), escolhemos o método qualitativo.

Quando se procede ao estudo de práticas e comportamentos, os ditos “factos humanos”, que sobrevivem na invisibilidade, dado o seu carácter de transgressividade perante a norma, as estratégias investigativas de carácter qualitativo são formas privilegiadas de encetarmos a aproximação aos contextos naturais de vida onde o desvio ocorre e, portanto, de captar os aspetos da realidade que não são quantificáveis nem manipuláveis estatisticamente (Romani *et al*, 1986 cit in Fernandes, 1989). Acresce, igualmente, que o objetivo deste tipo de metodologia não se prende com o descobrir de fatos indiscutíveis sobre uma única realidade social, mas antes encetar um espaço de confluência entre os diferentes esquemas interpretativos (Silverman, 1997). Tal possibilita conhecer o fenómeno de “dentro para fora”, segundo as perspetivas dos atores sociais (Flick, Kardforff & Steinke, 2004), ou seja, permite compreender e interpretar o fenómeno a partir dos seus significantes e segundo a perspetiva dos seus praticantes. Ao chegar mais perto da perspetiva dos atores sociais, considerando os significados das suas experiências (Almada & Freire, 2003 cit in Ferreira, 2010), este método permite-nos o enquadramento das suas ações e comportamentos.

A escolha de uma abordagem qualitativa de investigação científica resultou da necessidade de entrarmos no terreno para uma melhor compreensão da realidade, da complexidade e da variedade da ação humana e dos fenómenos sociais; do “insight” de que as pessoas agem segundo os significados e os sentidos; da sensibilidade face à natureza processual e mutável dos eventos; e da consciência das interações entre as condições (estrutura), as ações (processo) e as consequências (Strauss & Corbin, 2008). Além disto, no caso da sexualidade não convencional, existe a suspeita de que as ciências positivistas não estão de acordo com o interesse e autodefinição dos sujeitos, tratando-a como uma

patologia, estigmatizando e procurando a “causa” das sexualidades desviantes e a sua cura (Denzin & Lincoln, 2006).

O pesquisador que se rege pelo método qualitativo, procura entender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos e a partir daí efetua a sua própria interpretação do fenômeno que origina uma síntese holística do mesmo (Holand, 2006). Assim, a construção do conhecimento e análise da informação passa por um procedimento mais intuitivo, mas também, mais maleável e mais adaptável a hipóteses não previstas (Bardin, 1977).

Uma das depreciações que têm sido apontadas à investigação qualitativa refere-se à impossibilidade de generalização dos seus resultados, dada a importância que este tipo de metodologia atribui ao contexto e à análise dos significados, relações, condições e processos (Flick, 1998). O nosso objetivo neste estudo não é produzir conhecimento nomotético ou generalizável, mas sim caracterizar e definir os atores do BDSM e respetivas práticas e o significado conferido às suas ações. Portanto, deve dar-se relevo a uma metodologia que observe, descreva, interprete e decodifique um sistema complexo de significados, enfim, que compreenda e interprete os fenômenos, a partir dos seus significantes e do contexto onde ocorrem e que nos auxilie a ter uma visão mais abrangente. E de facto, a metodologia qualitativa pressupõe a tradução e a expressão do sentido dos fenômenos sociais e reduz a distância entre o contexto e a teoria ao supor o contacto direto com o objeto da análise e *onde o principal instrumento de pesquisa no terreno é o investigador* (Costa, 1986).

2.3. O método

2.3.1. As entrevistas

Mucchielli (1994) sustenta que a boa entrevista intenta a compreensão exata daquilo que se passa com o outro, clarificando progressivamente a sua vivência. Logo, o princípio de que para “penetrar no mundo de significados do sujeito é necessário ao investigador entrar num processo conjunto de construção de sentido” (Foddy, 1996) exige uma forma de questionar mais informal e não estruturada. Então, partindo do pressuposto de que as atitudes dos indivíduos devem avaliar-se em função dos significados que os próprios atribuem, o tipo de questões abertas revela-se fundamental pois: (a) permite que os inquiridos se expressem através das suas próprias palavras; (b) não sugere respostas, indicando o que é mais relevante para os sujeitos e indicando a intensidade dos seus

sentimentos; (c) permite identificar complexos quadros de referências e influências motivacionais (Foddy, 1996). Kidder e Judd (1986 *cit in* Foddy, 1996), acrescentam ainda, que as perguntas abertas são mais motivantes pois permitem que os sujeitos se expressem livremente e não tenham de escolher nenhuma resposta que inclusive pode ser considerada insatisfatória ou desadequada.

Na literatura metodológica, assume-se ainda que a entrevista em profundidade permite recolher uma diversidade de informações e uma compreensão holística do ponto de vista do entrevistado (Manita, Negreiros, Agra & Guerra, 1997), na qual, o investigador dispõe de uma série de perguntas guias e tem a tarefa de reencaminhar a entrevista para os seus objetivos e colocar questões às quais o sujeito não chega por si mesmo (Quivy, 2008). Quivy e Campenhoudt (1998) ressaltam a adequação da entrevista semidiretiva à análise de sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais são confrontados, uma vez que esta respeita os quadros de referências dos inquiridos.

Assim, compartilhando da ótica de que as entrevistas em profundidade são meio privilegiado para acederemos à complexidade da perspectiva dos atores sociais e das suas significações, o que dificilmente conseguiríamos através dos métodos quantitativos (Guerra, 2006) e também para a compreensão das representações, crenças e valores culturais dos participantes e um espaço onde é valorado o seu discurso, optamos por esta metodologia de base.

As entrevistas por nós realizadas aos praticantes de BDSM, caracterizam-se por ser semidirectivas de maneira a possibilitar a referência e classificação das práticas, os significados, os sistemas de valores e os comportamentos. As questões abertas permitiram que os atores abordassem pontos significativos sobre o que é para si o BDSM e de que forma o experienciam. As entrevistas foram conduzidas tendo em atenção os seguintes blocos temáticos: (a) Caracterização sócio demográfica, (b) História pessoal no BDSM, (c) Práticas e símbolos, (d) Relacionamentos íntimos, (e) Posicionamento sobre BDSM, (f) Representações sociais de BDSM e consequências; com questões abertas de modo a explorar o posicionamento e os significados das experiências vividas no BDSM (cf. Anexo I).

Para a construção destes guias, a fim de determinar os aspetos mais relevantes para compreender o fenómeno, foi efetuado um levantamento de temas em discussão nos dois principais fóruns online portugueses, bem como nos apoiamos na revisão da literatura efetuada e, posteriormente, questionamos a sua importância ao nosso informante chave (à frente explicaremos quem foi este informante e qual a sua relevância).

2.3.2. As observações

A observação tem sido caracterizada como a “base fundamental de todos os métodos de pesquisa” nas ciências sociais e comportamentais (Adler & Adler, 1994 *cit in* Denzin & Lincoln, 2000, p.389). Como refere Malinowski (1922 *cit in* Burgess, 1984) dá-se o “abandono da antropologia de varanda” passa-se a procurar contacto direto com as populações. Assim, a observação participante é antes de tudo, uma entrada em contacto direto com a realidade social” (Copans, 1974 *cit in* Fernandes, 1990).

Como pretendíamos aceder ao contexto do BDSM e descrever e interpretar esse mundo, a observação possibilitaria a sedimentação de relações entre investigador e investigados, permitindo a apreensão dos seus comportamentos, dos seus pontos de vista, das suas significações e da sua subcultura (Atkinson & Hammersley, 1983 *cit in* Fernandes, 1997).

Fernandes (1990) salienta algumas considerações a ter em conta na observação: O registo não deve ser feito mediante grelhas de codificação, mas antes, recorrer à linguagem corrente, empregando-se um comentário extenso e o mais preciso possível de cada situação descrita, imediatamente a seguir à presença no terreno. E devemos cuidar na excessiva identificação com o contexto ou grupos em estudo, já que pode levar a um tipo de visão romântica do estilo de vida que se está a estudar e que os atores não possuem.

Keinplatz e Moser (2006 *cit in* Baker, Iantaffi & Gupta, 2007) apontam para o facto de existirem em todo o mundo organizações e eventos nesta área por isso, para encetar a observação participante, tomamos como ponto de partida o contexto BDSM português, tanto virtual, por via dos fóruns online, como os eventos reais, concretizados em jantares e festas. Após seleção dos contextos a serem observados, demos início à observação, tendo-se procedido ao seu registo.

2.3.3. Os procedimentos e os participantes

Sabíamos de antemão que esta população não seria de fácil acesso, pois a revisão da literatura efetuada dizia-nos que a maioria dos sujeitos que pratica BDSM não se identifica como tal para a sociedade em geral, devido às perceções negativas e enviesadas sobre estes, bem como à estigmatização que daí advém.

Neste ponto, torna-se então pertinente a noção de populações ocultas. Conforme Fernandes e Carvalho (2000), as populações ocultas inserem-se nas populações especiais,

em que o critério essencial é a difícil acessibilidade. A dificuldade de localização destas deve-se à natureza “ameaçadora” do traço específico em questão, habitualmente, reprovado pela sociedade.

Este tipo de populações reclama que se pense em técnicas mais específicas, do que as populações não ocultas, que permitam a acessibilidade a elas e a par da imersão no terreno, o método em cadeia, especialmente o método *snowball*, é o mais indicado e o mais utilizado nestes casos. A motivação para o uso desta técnica passa pela possibilidade de abarcar populações amplas e a heterogéneas e a maior probabilidade de focar aspetos do fenómeno que outros métodos não atingem (Kemmesis, 2000 *cit in* Oliveira, 2002).

Neste estudo, as duas técnicas de recolha de dados utilizadas foram conduzidas segundo um procedimento específico.

O primeiro passo no processo de seleção dos entrevistados foi efetuar a nossa inscrição nos dos dois fóruns online portugueses com mais participantes e mensagens enviadas¹⁸.

Inicialmente, focamo-nos na leitura das mensagens e debates publicados sobre as temáticas de BDSM, o que foi crucial para nos familiarizarmos com o quadro conceptual do meio. Estas leituras também nos deram importantes dados sobre as opiniões, os sentimentos, os valores e as experiências dos praticantes, dada a diversidade de assuntos abordados relacionados com o fenómeno.

Posteriormente, decidimos escolher uma pessoa influente e com um papel ativo na comunidade. Decidimos contactar **P.** por ser dinamizadora de um importante fórum e de vários eventos relacionados com a temática e, de acordo com o que fomos observando nos fóruns, uma praticante com experiência. Esta mostrou-se bastante recetiva ao contacto e prontificou-se a colaborar, inserindo-nos na comunidade e indicando alguns sujeitos de sua confiança para fazerem parte da amostra, tornando-se assim, o nosso informante privilegiado.

Não obstante esta recetividade, paralelamente, exploramos esses mesmos dois fóruns online para encontrar outros possíveis participantes que obedecessem aos critérios estipulados: serem praticantes de BDSM, serem membros ativos da comunidade (visível

¹⁸ No fórum BDSM Portugal, o número total de utilizadores registados é 4754 com 32184 mensagens postadas. No fórum Dominium, existem 2413 utilizadores registados e um total de 18233 mensagens postadas. Os valores referentes ao número de utilizadores não podem ser considerados exatos, uma vez que existem casos de registos duplicados, registos da mesma pessoa com diferentes identidades, registos fictícios de softwares maliciosos de computadores, entre outros [11. 03.2011]

através das mensagens colocadas nos fóruns e na participação e realização de eventos privados ou públicos) e pertencerem à área metropolitana de Porto e Lisboa.

Selecionados os participantes e enviamos por mensagem privada ou por correio eletrónico uma carta de apresentação sobre o estudo que estávamos a realizar e os seus objetivos, pedindo que nos concedessem uma entrevista presencial, isto é, face a face (cf. Anexo II).

Alguns dos participantes mostraram-se reticentes em participar neste estudo por duvidarem dos seus propósitos. Com estes, realizamos uma conversa telefónica com o intuito de responder às suas questões e para assegurar a honestidade e confidencialidade do nosso estudo. Depois de estes acederem a realizar a entrevista, foi-lhes pedido que indicassem outros membros da comunidade que também integrassem os critérios atrás referidos.

Com o desenrolar do trabalho foi preciso impor um limite temporal para a recolha de entrevistas, uma vez que muitos dos pedidos que foram enviados por correio eletrónico ou mensagem privada através desses fóruns online, nunca obtiveram resposta. Similarmente, alguns sujeitos indicados pelas pessoas entrevistadas recusaram ou não puderam participar no estudo. Numa fase posterior, intentando novos contactos, também se procedeu à exploração numa rede social na Internet de modo a encontrar outros perfis de indivíduos *BDSMers*.

É de salientar que as entrevistas decorreram sempre em contextos informais e variados, tais como cafés, praças de alimentação em centros comerciais e em casas particulares, onde foi pedido a autorização para proceder a uma gravação áudio da mesma. No entanto, três das entrevistas foram realizadas via conversação online, uma porque o sujeito recusou a entrevista presencial e duas pela distância e impossibilidade de nova deslocação do investigador.

Realizamos no total 14 entrevistas, embora uma não tenha sido considerada na análise de dados por não corresponder aos critérios estipulados. Destas 13 entrevistas, sete foram feitas a participantes do sexo feminino e seis a participantes do sexo masculino.

Em relação às características sociodemográficas, os entrevistados têm uma idade compreendida entre os 29 e os 48 anos. Oito residem na Área Metropolitana de Lisboa e cinco residem na Área Metropolitana do Porto. A maioria apresenta formação universitária: sete são licenciados, um é mestre e outro é doutorado ou, no caso de quatro dos participantes, apresenta frequência universitária, embora sem conclusão do curso. Quanto ao estado civil, seis são solteiros, três casados, dois divorciados, um é viúvo e um

vive em união de facto. Todos os participantes do sexo masculino afirmam ser heterossexuais e cinco das setes participantes do sexo feminino são bissexuais. Procuramos ainda que a amostra refletisse os diferentes tipos de posições/papéis que os praticantes de BDSM apresentam. Assim, no grupo das mulheres, três das entrevistas foram efetuadas a dominadoras, três a submissas e uma a *switcher*. No grupo dos homens, três foram efetuadas a dominadores, uma a submisso e duas a *switchers*

Para acedermos ao meio e realizarmos as observações no contexto natural, fomos consultando periodicamente os dois fóruns online, sobretudo a subcategoria designada por eventos, de forma a termos conhecimento sobre as festas que se iriam realizar.

Face ao número diminuto de eventos, não estipulamos critérios de seleção das festas. Interessavam-nos festas de cariz fetichista e *BDSMer* onde pudéssemos observar os comportamentos, as práticas e as interações entre praticantes.

O acesso ao contexto foi facilitado pelo contacto com o nosso informante que nos apresentou a outros participantes, como investigadores na área da psicologia a desenvolver uma tese de mestrado sobre BDSM.

No nosso estudo realizamos três observações em contexto real, sempre na condição de investigadores para com os sujeitos com os quais interagimos. A primeira ocorreu em dezembro de 2010 num jantar e festa organizada por um dos principais fóruns online. A segunda aconteceu em julho de 2011, numa festa também organizada por esse mesmo fórum e que se realiza no dia 24 do mês de julho, por esse ser considerado o dia mundial do BDSM¹⁹. Consideramos que, nestas observações, o nosso papel deve ser definido como de “membro periférico” e não propriamente por observadores participantes, uma vez que observamos e interagimos com os sujeitos mas não participamos nas atividades que constituem o aspeto central da pertença ao grupo (Adler & Adler, 1998 *cit in* Oliveira, 2008).

As observações não foram efetuadas mediante uma grelha de codificação, não obstante, interessava-nos observar a localização e organização dos espaços físicos e os seus atores, a nível das características físicas, do vestuário, idade, postura de acordo com os papéis desempenhados e as interações estabelecidas entre praticantes com diferentes papéis (dominador/a – submisso/a) e com o mesmo papel (dominador/a – dominador/a e submisso/a – submisso/a).

¹⁹Os paraticantes de BDSM comemoram este dia, 24 de julho, o mês 7, porque 24/7 é um termo que representa o jogo de D/s (dominação/submissão) e as respetivas relações de servidão, humilhação, dominação e/ou escravidão entre o/a dominador/a e o/a submisso/a a tempo integral, isto é, 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Efetuamos ainda outra observação no contexto do Salão Erótico por nos interessar saber como seria uma performance de BDSM profissional. Aqui, a observação foi direta sem qualquer tipo de interação e apenas nos limitamos a observar as atividades de forma anónima sem que ninguém conhecesse o nosso estatuto.

Excetuando a observação realizada no Salão Erótico, tanto as entrevistas como as observações efetuadas nos contextos festivos foram norteadas por alguns princípios comuns. Os princípios de anonimato e confidencialidade foram assegurados diretamente aos participantes no nosso estudo, garantindo que não divulgaríamos pormenores que os identificassem. Em todas as situações apresentamo-nos como investigadores, primando por um estatuto *overt* com todos aqueles que interagiram connosco.

Outro cuidado que tivemos, e que se tornou numa necessidade, foi a de desmontar a imagem da psicologia ligada à patologização dos seus comportamentos. Esta associação resultava em desconfiança perante nós e a nossa investigação e, por isso, tivemos de modificar a imagem que detinham, definindo-nos a nós próprios como sem preconceitos relativamente ao tema e transmitindo os propósitos da investigação. Somente desta forma conseguimos criar empatia e confiança.

Assim, no que concerne às observações no contexto real, deslocamo-nos a cinco locais distintos, num total de 23 horas. Os locais incluem o Salão Erótico de Gondomar, a casa de um dos praticantes (onde se antecederam os preparativos para o jantar), um restaurante e uma discoteca, e um edifício alugado pelos organizadores de uma festa comemorativa do dia mundial do BDSM.

2.3.4. O tratamento e a análise dos dados

Para analisar os dados que obtivemos recorremos à análise de conteúdo, pois consideramos que esta técnica nos ajudaria na compreensão e na interpretação dos significados e das perspetivas manifestadas pelos atores (Silva, Gobbi & Simão, 2005)²⁰.

Sem seguir todos os passos da grounded analysis, adotamos a lógica indutiva de construção de categorias a partir dos dados, segundo a tradição de Glaser e Strauss (1967), isto é, a ideia da teoria ser gerada a partir de dados obtidos de forma sistemática na investigação social – dados qualitativos recolhidos em ambientes concretos.

²⁰ Não obstante a Análise Categorical aparecer como uma ferramenta útil para a compreensão da construção do significado que os atores sociais exteriorizam no discurso, decidimos renunciar à sua utilização, uma vez que o procedimento desta técnica passa por delimitar as unidades de registo e as unidades de contexto, trabalhando sobre índices evidenciados (Bardin, 1977). Ora, ao atentarmos nos objetivos do nosso estudo e no seu carácter exploratório, consideramos que a decomposição do discurso espalha a informação em demasia, perdendo-se dados relevantes

Assim, numa primeira etapa, começamos por efetuar uma leitura flutuante das entrevistas transcritas e dos diários de terreno referentes às observações efetuadas, o que nos permitiu tomar contacto com o material e seleccionar as entrevistas semiestruturadas para a análise. Depois desta leitura inicial, realizamos outras mais precisas com o intuito de transformar os dados brutos. Fomos introduzindo comentários onde identificamos os temas e subtemas bem como as observações acerca desses temas. Finda esta parte, os comentários foram separados do corpo do texto e ordenados seguindo a lógica de articulação por conteúdo/temas, independentemente da fonte e da natureza dos dados. Delineado o guião, procedeu-se à composição do texto, articulando-se as notas e o conteúdo das entrevistas e do diário com teorias e resultados das investigações acerca do fenómeno em estudo. Essa articulação ajudou-nos na interpretação e sustentação dos dados, ajudando-nos a compreender as dimensões vividas pelos atores sociais e os significados que conferem às suas experiências. Reiteramos que esta interpretação somente foi possível graças à assunção de uma lógica indutiva em que são os próprios dados que nos fornecem as hipóteses.

Capítulo III

Apresentação e interpretação dos resultados

3.1 Entrar e permanecer no BDSM: os trajetos, as descobertas, as experiências e os fatores para a continuidade

Não existe um trajeto tipo, quer na idade da descoberta do interesse pelas práticas e comportamentos BDSM, quer na forma como os sujeitos entrevistados entraram no BDSM. Existe sim, uma diversidade de experiências, de percursos, de momentos e de motivações. A maioria dos participantes relata que descobriu o seu interesse por este tipo de práticas na idade adulta (entre os 28 e os 45 anos) e dois entrevistados afirmam que o descobriram na sua juventude aos 18/19 anos. Não obstante, em alguns casos, os atores relatam que o interesse já exista previamente à descoberta do significado de BDSM, tendo na altura pensamentos ou brincadeiras associadas a este tipo de comportamentos: “descobri aos 18 anos, mas o primeiro pensamento que se possa considerar BDSM foi por volta dos 7/8 anos e tinha a ver com a dominação de outra pessoa” (A., dominador); “aos 11/12 os filmes de piratas que incluíam flagelação de alguma forma mexiam comigo e procurava essas cenas em filmes, livros e brincadeiras” (C., dominador); “nos meus primórdios masturbatórios (12/13 anos), as minhas fantasias eram todas de vítima... havia sempre uma componente de dominação e humilhação que me excitavam muito” (H., submissa).

Nos debates publicados nos fóruns, também encontramos este tipo de construção de narrativas biográficas, ou seja, a partir do momento em que sabem o que é o BDSM integram na sua identidade o *ser BDSMer*, as suas vivências passadas passam a ser analisadas a partir do seu interesse no presente, mesmo que, como parece ser o caso da citação apresentada de C., serem semelhantes à da generalidade das pessoas, sobretudo no que se refere às brincadeiras infantis.

Segundo Campenhoudt (2003), aquilo que pensamos serem análises objetivas está marcado pelos nossos juízos subjetivos. De facto, os conteúdos da memória são produto de um trabalho de seleção e reconstrução do passado que advém das experiências do presente (Crespi, 1997 *cit in* Monteiro & Silva, 2006), pelo que é compreensível que os sujeitos tragam do passado os fundamentos das suas práticas na atualidade.

A entrada no BDSM também é diferenciada entre os participantes entre os participantes. Se existem pessoas que se iniciaram por influência do parceiro com quem mantinham um relacionamento íntimo, outras iniciaram-se por intermédio de outros praticantes e também por influência do cinema e/ou da literatura, sobretudo erótica.

Todavia, para a maioria dos praticantes de BDSM, a descoberta deste *mundo de pessoas com os mesmos gostos* tem como denominador comum o aparecimento da Internet.

Sem dúvida que, para este grupo de pessoas, a Internet se tornou um poderoso veículo para a procura de informações – “descobri através da internet o que era o BDSM e passei dois anos em fóruns, chats, a ler, a estudar sobre estas coisas” (B., dominador) – e para contactar outras pessoas que se interessam pelas mesmas práticas. Também Martins e Ceccarelli (2003) salientam a importância deste meio de comunicação para os adeptos de práticas eróticas minoritárias, contribuindo largamente para a formação de uma subcultura "virtual" de minorias sexuais.

Em Portugal, o canal do IRC #Bondage²¹, onde toda a gente internética com estes gostos se encontrava, teve um importante papel na aglutinação de pessoas com os mesmos interesses, proporcionando que estas conversassem em tempo real e trocassem experiências, dúvidas e aprendizagens sobre o fenómeno. Cooper *et al* (2000 cit in Martins & Ceccarelli, 2003) sustentam que a Internet oferece a oportunidade para a formação de comunidades virtuais, onde indivíduos isolados e discriminados podem comunicar entre si sobre assuntos sexuais que sejam de interesse dessa comunidade. Ao terem noção da existência de pessoas "iguais" a si, a sensação de isolamento e de ser "diferente" diminui, aparecendo um sentimento de pertença. Além disso, a Internet abre também um espaço para a realização de fantasias, dando inclusive a oportunidade para que estas saiam da “virtualidade” e possam ser concretizadas no mundo “real”. H.(submissa) e G. (submisso) são um exemplo disso:

Primeiro andamos a falar imenso tempo na internet e ele já explorava um bocadinho essa coisa das ordens de forma virtual... depois tivemos um primeiro encontro sexual e ele explorou práticas (humilhação, ordens, pôr-me de quatro) e eu não disse que não a nada...” (H., submisso)

Um dia comecei a falar com uma senhora... ao fim de três meses marcamos um encontro e a partir daí encontrámo-nos muitas vezes...as experiências foram muito intensas física e emocionalmente, muito positivas. Experimentamos tudo o que eu desejei e ela quis” (G., submissa)

As primeiras experiências de alguns praticantes que entrevistamos também começaram no espaço virtual, através de jogos de *roleplaying* de dominação e submissão. No jogo virtual, os participantes afirmam poder *aprender mais sobre BDSM, dominação e submissão*.

²¹ Internet Relay Chat (IRC) é um protocolo de comunicação utilizado na Internet que permite conversações em tempo real(em grupo ou privadas) e troca de arquivos. Tornou-se o principal chat da Internet no final dos anos 90 e início dos anos 2000, concentrando milhares de usuários todos os dias, que se agrupavam em canais sobre determinada temática. Em Portugal, as primeiras salas de chat de BDSM começam a surgir por volta de 1999.

Existem ainda casos em que as experiências iniciais relacionadas com o BDSM se desenrolaram no contexto de uma relação amorosa convencional ou dita “baunilha”, antes de compreender exatamente o que faziam ou de haver uma categoria para os seus gostos, num processo de descoberta mútua através de jogos com o parceiro. **B.** (dominador) desenvolveu desde os primórdios do seu namoro com a primeira companheira, práticas de dominação, controlo de orgasmos e exploração do *bondage*. Para **C.** (dominador) as experiências de BDSM também “começaram por ser brincadeiras com namoradas, como spanking, algemas...sem grande intensidade em termos físicos de dor”.

Embora existam alguns casos em que as primeiras experiências não tiveram sentido, ou porque não se identificarem com a posição em que se encontravam ou porque não existiu um elevado grau de intimidade, para a grande maioria dos praticantes, estas experiências são conotadas como *intensas, positivas e prazerosas*. Intimamente relacionadas com a exploração *erótico-sexual*, surgem como uma transição para um “estádio superior” que até a esse momento permanecia escondido, completando o sentimento de pertença e o preenchimento de vazio, “senti que era isto que me faltava para ter uma vida sexual satisfatória...é sentir que o sexo baunilha já não chega e utilizarmos o BDSM como um complemento para aumentar o prazer físico e psicológico...” (J., submissa). É por considerarem que se trata de uma evolução que os praticantes permanecem. Também continuam porque desenvolvem relações e sentimentos de pertença a um grupo (fator de extrema importância na manutenção de uma imagem identitária), porque vêm benefícios positivos, como por exemplo, a “libertação da tensão acumulada” (I., submissa), porque se torna uma importante parte das suas vidas, repleta de inovação, “vontade de ir mais longe e experimentar novas coisas” (F., dominadora) e promotora de criatividade. Faz parte da nossa existência esta busca incessante de mudanças, sendo que chegados a um patamar de felicidade e bem-estar, dificilmente pretendemos retornar a etapas anteriores.

É desta forma que os praticantes de BDSM vêm a sua progressão do mundo convencional “baunilha” para o mundo do BDSM.

3.2. Conceções sobre o BDSM e *ser BDSMer*

Nas entrevistas que realizamos e nos debates que observamos, encontramos uma multiplicidade de pontos de vista sobre o que é o BDSM e a forma como é vivenciado. Agrupamos essas visões em duas grandes categorias sobre a conceptualização do BDSM,

atividade Vs identidade: Há os que vêm o BDSM como um *hobbie*, ou seja, que têm uma vida “baunilha” mas gostam de ir a eventos e ter algumas sessões esporadicamente (que podem ou não envolver sexo), outros que o encaram, única e exclusivamente, como uma componente da atividade sexual – “para mim, BDSM é tudo sexo, é tudo sexual” (**K.**, *switcher*, sexo masculino) – e os que negam que o BDSM se foque no sexo ou que tenha como fim o sexo genital – “...eu vivo isto pelo erotismo que tem. Muitas vezes, eu vou para uma sessão e o prazer não é sexual... é um prazer emocional que me dá, é uma satisfação do ego” (**E.**, dominadora) – e, ainda, os que definem BDSM com sendo um “estilo de vida... um complemento de tudo” (**B.**, dominador). A maioria dos praticantes encara o BDSM como englobando ambas as componentes, o que **M.** (*switcher*, sexo feminino) sintetiza muito bem: “O BDSM é uma maneira de estar na vida com uma forte componente sexual”. Esta diferença de concepções, remete-nos para Moser (1998 *cit in* Williams, 2006) quando nos alertou para a não existência de uma definição comumente aceite sobre o que é o BDSM. Aliás, o nosso interesse é o de encontrar uma definição que abarque todos os praticantes, mas situarmo-nos ao nível individual e do ponto de vista subjetivo de quem opta pelo BDSM como mais uma das dimensões específicas da sua vida²².

E o *ser BDSMer*? De que forma é que os praticantes descobrem a sua posição de submisso ou dominador, incorporam o seu papel e encaram a posição oposta? A resposta a estas questões não se afigura como linear.

Constatamos que a experimentação de práticas e jogos de papéis aparecem intimamente relacionados com a descoberta e confirmação da posição que a pessoa ocupará (dominador, submisso ou *switcher*). **I.**(submissa) primeiramente entrou em jogos de dominação online como dominadora mas, segundo afirma, não gostou de ter “gente a dizer que sim a tudo”. Depois em jogos de *roleplay* erótico conheceu a sua primeira dominadora e percebeu que “só era feliz enquanto submissa de uma mulher”. Identicamente, **A.**(dominador) pelas suas características psicológicas achou que seria submisso até experimentar ser dominado e perceber que não se conseguia submeter. Quando descobriu uma companheira submissa, percebeu que *se* “sentia dominador”. No entanto, a experimentação não é condição *sine qua non* para a descoberta da posição. Existem praticantes que fitam este género de preferências como oriundas de uma fonte instintiva, asseverando que ser-se dominador ou ser-se submisso “faz parte da identidade pois as pessoas são aquilo que são” (**B.**, dominador), ou seja,

²² Quando nos referimos aqui a dimensões da vida dos sujeitos, estamos também a englobar a vida virtual. Um dos participantes do nosso estudo, neste momento, decorrente da relação amorosa convencional que tem, apenas vive o BDSM de uma forma virtual.

é “uma inclinação que nasce espontaneamente” (G., submisso). D. e E., ambas dominadoras, nunca puseram em questão não o ser, porque “sou assim na vida em geral”, representando-se como autoritárias e muito exigentes. Portanto, a sua posição é sustentada por uma série de características psicológicas e comportamentais que se mantêm relativamente imutáveis nas diversas esferas onde se movimentam. Para estes praticantes, a identidade apresenta uma propensão para a unicidade e aplicabilidade geral, semelhante em todos os domínios da sua vida e é essa unicidade que promove a congruência entre os diferentes papéis.

Na aprendizagem de um papel não chega a aquisição das condutas necessárias ao seu desempenho exterior, afigurando-se como essencial, a incorporação das “camadas cognitivas” do conhecimento que de modo direto e indireto são adequadas ao papel (Giddens, 1997). Assim, ser dominador/a ou ser submisso/a implicam não só comportamentos e atitudes, como também, aprendizagens teórico-práticas. De um/a dominador/a é esperado que tenha competências técnicas e informações básicas de segurança, compreenda a comunicação em jogo e aprenda a lidar com possíveis reações emocionais e psicológicas do submisso. Já do/a submisso/a, a expectativa é que mantenha e preserve o equilíbrio do poder, aprenda a conhecer-se e a reconhecer os limites e contribua para o processo de construção de significados (Newmahr, 2010).

Comparamos as auto e heterorrepresentações que os nossos entrevistados detêm sobre as duas posições e constatamos que as opiniões são unânimes na delineação da principal característica de um/a submisso/a e de um/a dominador/a. Tanto submissos/as nas suas autorrepresentações como dominadores/as nas heterorrepresentações salientam a indispensabilidade da capacidade de o/a submisso/a se entregar totalmente ao dominador/a. Esta entrega materializa-se no *respeito* ao dominador/a, na *honestidade*, na *humildade*, no *gostar do que faz* e em *satisfazer o prazer da pessoa a quem se entrega*. Os/as submissos/as entendem, ainda, o seu papel como “ser educado e dócil, assumindo as falhas, aceitar o castigo e respeitando as ordens sem se colocar em risco”(I., submissa) e “ter noção de si e dos seus limites”(H., submissa), o que implica ter “bom senso e capacidade de avaliar com quem se mete”(G., submisso). A opinião dos/as dominadores/as face aos submissos/as vai de encontro às características mencionadas, apesar de duas dominadoras salientarem que os submissos (entenda-se do sexo masculino) devem ser “inteligentes, cultos, agradáveis psicológica e fisicamente” (D.) e “atentos, ativos e inteligentes” (F.), o que denota não só uma idealização de um submisso, mas também uma coincidência com o ideal de um parceiro amoroso.

Em relação aos dominadores/as, as características mais realçadas, tanto por submissos/as como pelos próprios dominadores/as são a responsabilidade, porque tem a

segurança, bem-estar e vida da outra pessoa nas suas mãos e o respeito pelos procedimentos e pela pessoa que é o/a sub e pelos seus limites/pela sua *safeword*. Os praticantes que desempenham a papel de dominadores focam, ainda, a importância de serem pessoas com valores, a capacidade ouvir e de compreender o/a sub, o domínio das técnicas (“saber sempre o que está a fazer”[C., dominador]) , o gostar do que fazem e ter confiança/ “acreditar sem si próprio” (L., switcher). Tais representações denotam que os praticantes têm consciência que os seus comportamentos estão associados a riscos e que a asserção São, Seguro e Consensual é fortemente promovida e praticada. Da parte dos/as submissos/as, é também destacada a imprescindibilidade da honestidade, o que é compreensível, já que estes ao entregarem os seus corpos, algumas decisões da sua vida e até os seus sentimentos estão a depositar confiança na retidão do comportamento e atitudes da outra pessoa.

Da interpretação que fazemos da forma como os sujeitos autorrepresentam as suas posições e da própria observação que efetuamos, julgamos que a interiorização dos papéis passa por uma assimilação e adaptação das expectativas para cada posição, expectativas essas que vão desde a linguagem e a forma de comportamento até às atitudes e características psicológicas.

Em relação ao *ser-se switcher*, apenas um dos sujeitos abordou a representação da sua posição como muito mais dinâmica e dependente dos contextos e da pessoa com quem está. Os outros dois posicionaram-se efetivamente sobre o *ser-se dominador/a* ou *ser-se submisso/a*, pelo que pensamos que se deve a no presente assumirem-se numa das posições. Quanto às heterorrepresentações, só um dominador abordou o tema fazendo base da distinção entre atividade e identidade: “...a questão dos switchers faz-me confusão... uma coisa é uma pessoa gostar de determinadas práticas, outra é o carácter dominante que a pessoa tem a partir do momento em que descobre a linguagem e lhe atribui um significado” (B.).

3.3. Fantasias, práticas e ferramentas do consentimento

As sessões no BDSM são uma fração da realidade delineadas no tempo e no espaço e onde as práticas vivem da teatralidade e fantasias dos que as praticam.

De uma enorme diversidade de práticas relatadas pelos entrevistados²³, a flagelação e o *bondage*, conjuntamente com o *spanking*, aparecem como as preferidas dos submissos/as,

²³ Incluindo a Dominação psicológica, os jogos de papéis, o controlo da respiração, as práticas com agulhas, o derrame de cera no corpo, o *trampling* (ato de pisar o parceiro), a feminização, a aplicação seletiva de dor, as práticas com molas, a eletroestimulação, entre outras.

dominadores/as e *switchers* que entrevistamos²⁴. As incursões que fizemos em contextos reais ambém nos revelaram esta preferência:

Num recanto da discoteca, tapado com um pano branco que divide a pista de dança desse espaço, encontra-se uma cruz de santo andré...X. pega na sua submissa, vira-a de costas e imobiliza-a, amarrando-a à cruz com cordas nos pulsos e tornozelos...entre o som que vem da música da discoteca, consegue-se distinguir o som das palmadas nas nádegas da submissa... depois o som da chibata, alternadamente em cada uma das nádegas... quando a retira da cruz, ambos estão com um ar satisfeito (D.C.11.12.2010)

No nível superior, encontram-se instrumentos para serem utilizados à disposição dos convidados: cruz de santo André, grilhões para prender o/a sub pelos pulsos, uma cadeira e uma jaula pequena. Um homem de cabelo e bigode brancos, vestido com *corset* preto de vinil e uma tanga preta, é conduzido pela trela pela sua dominadora até à cruz. A dominadora ata-o de frente para si e começa a chicoteá-lo. Depois coloca-lhe molas nos mamilos e por fim derrama-lhe cera pelo corpo. (D.C, 24.07.2011)

A humilhação é eleita como uma prática preferida por duas dominadoras e dois dominadores.

Altamente valorizado nos discursos dos entrevistados, aparece a fantasia da dominação, onde estas práticas são normalmente introduzidas. Alguns praticantes negam que a dominação física exista por si só. Consideram que esta somente é possível no BDSM profissional, já que o/a sub paga à dominadora para ela fazer o que ele/a quer a nível de práticas²⁵. E. e F., dominadoras profissionais, vêm a dominação física como um *vício*, tanto para elas como para vícios, com a vantagem de que “a pessoa sabe para o que vem e fica feliz da vida” (E., dominadora). Da parte da maioria dos praticantes existe uma valorização da dominação psicológica porque “requer um grande conhecimento” (J., dominadora) e porque “para dominar alguém fisicamente é preciso dominar-se primeiro psicologicamente” (B., *switcher*). O domínio psicológico é visto como o mais relevante e a dominação física é encarada como resultado da psicológica. Não obstante esta preferência, os sujeitos entrevistados chamam a atenção para algumas regras a ser cumpridas para que esta prática não tenha implicações negativas (tais como, infelicidade, degradação, baixa autoestima). Por isso, salientam alguns princípios que nós designamos por “condutas éticas da dominação” e que podem ser

²⁴ De acordo com Moser e Levitt (1987 *cit in* Stockwell, Walker & Eshleman 2010) as atividades mais relatadas por praticantes de BDSM são a flagelação e o bondage.

²⁵ A tendência dos sujeitos é posicionarem-se face ao BDSM pago como não estando contra, mas comparando-o com o recurso à prostituição pela, segundo eles, *não existência de uma componente afetiva*.

resumidos nos seguintes três pontos de vista: “ninguém tem o direito de usar ou abusar emocional ou psicologicamente de outrem” (E., dominadora) ou “interferir na vida saudável da outra pessoa que está na base da hierarquia” (K., switcher, sexo masculino) e “o BDSM deve ser uma forma de progressão positiva” (J., submissa)

No entanto, o gosto por certo tipo de práticas não se esgota nas já efetuadas, mas contempla também outras que os sujeitos gostavam de vir a explorar e que fazem parte das suas fantasias.

Dum ponto de vista externo, as práticas de BDSM parecem focadas em infligir dor, mas do ponto de vista dos participantes relacionam-se, fundamentalmente, com a obtenção de prazer, que pode ser erótico e sexual e/ou um prazer psicológico que desperta sentimentos de bem-estar e de autorrealização (“sinto-me completo, radiante” [L., switcher]).

As motivações são variadas e para além da “motivação em provocar dor” (D., dominadora), das “relações que são estabelecidas” (A., dominador), da “sensação de verdadeira entrega física” (G., submisso), do “descanso e esquecimento das responsabilidades e obrigações” (M., switcher, sexo feminino), os participantes falam no conceito de “flow” que as práticas suscitam, como por exemplo com o *spanking*: “...ao fim de x tempo, tu entras num transe onde estás semi inconsciente, quase a passar para o outro lado” (E., dominadora)²⁶. Alguns praticantes falam de ausência de consciência, do sentimento de perda da noção do tempo ou do mundo em seu redor e não necessariamente de excitação sexual de zonas erógenas, o que demonstra a complexidade da construção do significado do BDSM.

Outra motivação para certos sujeitos integrarem as práticas na sua vida, relaciona-se com o “desafiar os próprios limites” (H., submissa) e, como tal, as práticas são apreendidas numa evolução por estágios, do nível mais elementar até a um nível mais agressivo e de maior tolerância à dor. A suplantação de determinada barreira, acarreta um sentimento de conquista e crescimento pessoal, mas existem outros limites, completamente fora do horizonte das possibilidades dos praticantes que entrevistamos.

Em primeiro lugar, limites morais e legais. É unânime para todos os praticantes que as práticas que ponham em causa a segurança do/a sub, que envolvam crianças ou pessoas sem livre arbítrio, atos feitos contra a vontade de outrem, ou práticas que provoquem danos permanentes estão completamente excluídas, nem sendo consideradas BDSM. A zoofilia e a coprofilia também aparecem como um limite para a maioria dos participantes. Depois,

²⁶ Segundo Csikszentmihalyi (1991 cit in Newmahr, 2010) este estado de consciência é o resultado de uma concentração tão intensa e abrangente, que a pessoa alcança um sentido de ordem na consciência, contra o estado padrão da entropia psíquica.

existem outras atividades que são rejeitadas por colocarem em causa a privacidade ou não irem de encontro ao gosto pessoal de cada praticante, como por exemplo, práticas com agulhas ou outras que envolvam sangue. É somente de notar que os praticantes destas atividades, consideradas mais “soft”, não apresentam posturas tão circunscritas como os restantes *BDSMers*, sendo que as suas limitações não são imutáveis, podendo ser alteradas no tempo.

A literatura indica que os limites são quase sempre determinados antes da sessão e não havendo necessidade de criar uma palavra de segurança dado o nível profundo de conhecimento, confiança e respeito estabelecidos. Encontramos resultados muito semelhantes na nossa investigação. De facto, os limites são estabelecidos antes do início das sessões ou relações *BDSM*, em conversas sobre o que é ou não aceitável e o que é que cada um gosta, entre outros aspetos. **H.** (submissa) conta-nos que fala muito antes da sessão, “digo como sou e aviso que no momento em que eu achar que já chega é para parar imediatamente, independentemente se me lembro ou não da palavra que foi inventada”. Tanto submissos/as como dominadores/as alegam que a “safeword”, seja ela verbal ou gestual (caso a pessoa esteja, por exemplo, amordaçada), deve estar sempre presente e ser usada quando necessário. No entanto, quando interrogados sobre a sua utilização, a grande maioria dos/as submissos/as diz nunca ter precisado de a usar. **H.** (submissa) menciona que só a utilizou uma vez por não conhecer bem a pessoa e porque queria testar se esta se encontrava em autocontrolo. Dita a palavra, o dominador parou imediatamente a prática. **C.** (dominador) explica-nos porque não necessita de estabelecer uma *safeword*:

Sou eu que estou a ver completamente o que se está a passar. A qualquer momento posso parar ou abrandar se passar um certo limite...os limites são estabelecidos antes e é com esse conhecimento que se vai para a sessão... não se vai às cegas

As capacidades técnicas (“skills”) de um dominador, mas também o respeito pelas regras estipuladas, funcionam como mecanismos de controlo social e todos aqueles dominadores que não são percebidos como seguros, têm dificuldades em obter parceiros para as suas práticas (Broasky, 1993 *cit in* Weinberg, 2006).

Em suma, na prática de *BDSM* a livre determinação das pessoas e o consentimento são pilares basilares, porque são eles que fazem a distinção entre *BDSM* e violência. Existem “ferramentas” para assegurar que o consentimento e, nesse aspeto, tanto a comunicação como o respeito pelos limites impostos são fundamentais. Determinar onde termina o consensual e

onde começa o abuso é uma tarefa delicada que implica experiência de ambas as partes envolvidas no jogo.

3.4. Simbolismos: a importância do *dresscode*, a erotização dos instrumentos, o orgulho das marcas e a coleira como aliança

Uma das palavras-chave para entender o BDSM é fantasia. A utilização de determinadas peças de vestuário, o uso de instrumentos e procedimentos ou certos protocolos, são parte de um ritual BDSM. De facto, o BDSM é constituído por um mundo figurativo onde todas as relações têm os seus próprios ritos (seja tratar o/a dominador/a por você ou por senhor) e rituais (por exemplo, **H.** [submissa] esperava o seu “*dono*”, *de quatro* à porta da sala. Ele vinha, punha-lhe a coleira e ela ia à frente dele para o local onde ia decorrer a sessão). Num estudo efetuado por Dancer, Kleinplatz e Moser (2006), 86% dos entrevistados tinham rituais associados ao BDSM.

O código de vestimenta não se afigura para nenhum dos praticantes entrevistados como algo indispensável para a realização de uma sessão. Embora o indiquem, essencialmente, como uma componente estética, a análise dos seus discursos denota que este funciona como estímulo de transição para a execução dos seus papéis, bem como está impregnado de um certo erotismo e sensualidade, já que, tal como refere **D.** (dominadora), “o visual mexe-nos com a mente” e “metade do erotismo de uma sessão vem da imagem física. Quando ela não existe, as pessoas têm de imaginar e é muito mais difícil” (**E.**, dominadora). Não se trata de um fetiche, mas sim de fantasias que influenciam ou estimulam determinados comportamentos.

Os instrumentos auxiliam na execução das práticas, mas a sua maior importância relaciona-se com a diversidade de sensações que podem conferir à pessoa, para que “o BDSM não se torne redutor, nem que as sensações e ritualizações se tornem monótonas.” (**J.**, submissa).²⁷ Falta-nos mencionar a dimensão simbólica que é atribuída aos instrumentos. Os instrumentos são erotizados e conferem “ambiente ao ato” (**C.**, dominador). Vejamos a explicação que **L.**(*switcher* do sexo masculino) nos fornece sobre isto:

²⁷Anteriormente, explicitamos a ação para a novidade como um elemento fundamental para a estimulação erótica.

ela está com o namorado e está a imaginar que ele lhe está a lamber o pé e ele em vez de lhe estar a lamber o pé, está a dar-lhe com uma cana na zona da sola do pé. É erotizar os instrumentos... ou então ao contrário, eu olho para determinado objeto e erotizo-o quando penso o que posso fazer com ele numa prática BDSM com a minha sub.

Na primeira parte, o objeto inanimado (a cana) é fantasiado como algo animado. Na segunda, L. inventa uma nova simbologia para o objeto ao emprestar-lhe uma determinada função de acordo com o seu modo de ver e sentir o mundo.

As marcas (no corpo) são o resultado das práticas efetuadas durante uma sessão de BDSM. Estas podem ser permanentes (por exemplo, o *branding* a ferro quente ou com uma lâmina ou tatuagens) ou circunscritas a um determinado tempo (por exemplo, o rubor que fica nas nádegas depois de uma sessão de *spanking*). É de concordância de todos os entrevistados que as marcas são vistas como *medalhas de mérito* ou *troféus pessoais* que *recordam à pessoa até onde conseguiu chegar* e que *retirou prazer da sessão*. Embora, alguns dos sujeitos discordem da sua exibição em público e advoguem que somente devem ser “partilhadas, sentidas e vividas entre as pessoas envolvidas” (J. submissa) nas observações que fizemos apercebemo-nos que estas são encaradas como sinal de orgulho porque a pessoa conseguiu aguentar e chegar a uma nova etapa, o que lhe permite ganhar um certo “status” no meio. Pareceu-nos que os praticantes dispostos a experimentar ou que experimentaram práticas mais arriscadas e que têm maior tolerância à dor, têm uma melhor reputação na comunidade e são vistos como mais criativos e mais interessantes, dada a multiplicidade de possibilidades que oferecem.

A coleira é uma das imagéticas mais associadas ao BDSM, mas o seu significado vai muito para além da componente estética que normalmente lhe está associada. Este é talvez um dos mais valorizados símbolos numa relação BDSM e isso está bem patente na forma como as pessoas entrevistadas falam sobre ela. A coleira é o símbolo formal usada pelo/a submisso/a, representa a submissão, a “restrição de liberdade” e é “sinal de controlo” (G., submisso), Mas é muito mais do que isto, é um “sinal de compromisso” (C., dominador), que “simboliza a entrega” (D., dominadora). Significa, ainda, que se está numa relação: “porque é como uma aliança no dedo, significa que não estamos sozinhos, que há alguém connosco... é um conforto, acho que dá uma certa paz porque supostamente tenho alguém que me proteja” (H., submissa). Ao verem a coleira como uma aliança, o que os praticantes de BDSM estão a fazer, é transpor os símbolos das relações normativas para o seu relacionamento BDSM. Adiante, retomaremos este ponto de continuidade entre relações normativas e relações BDSM.

3.5. Quando a dor não é dor: representações sobre dor e prazer

A dor, por si só, é um fenômeno muito subjetivo e complexo. Para os praticantes de BDSM esta aparece intimamente relacionada com o prazer: “a dor anda de mão dada com o prazer e depois da dor física, ficamos com aquele relaxamento... são o ying e o yang” (H., submissa); “vejo-as completamente interligados... a maior parte das pessoas não percebe que a dor e o prazer são a mesma coisa... são como um círculo” (M., *switcher*, sexo feminino). Não é que o prazer substitua a dor, porque este surge concomitante à dor e “resulta de uma interpretação” (C., dominador) ou de uma *transformação*, como os sujeitos preferem dizer. Portanto, a “dor é erotizada” (L., *switcher*, sexo masculino), pelo que “intensifica todas as sensações físicas” (G., submisso), ou seja, serve como um elemento para potencializar o prazer, saliente-se em determinado contexto erótico. C., apesar de ser dominador e de sentir muita excitação quando está a infligir dor a uma pessoa que está a gostar de a receber, define-se como um “masoquista físico” porque embora não suporte ser dominado, considera que a dor física é uma “sensação afrodisíaca gigantesca”. E., também dominadora, já experimentou dor e relata a experiência como: “começamos a ficar eufóricos e essa euforia leva-nos a outro patamar da consciência...o sair quase de mim própria... a dor cria um vício como qualquer outro”.

Podemos concluir que a dor é altamente erótica em certos contextos, tendo um caráter biopsicossocial. A dor é afetada não apenas pela condição biológica e cognitiva mas também influenciada pelo ambiente social e cultural (ou subcultural). Dor e prazer envolvem reações químicas idênticas com a libertação de endorfinas, provocando sensações de energia e bem-estar (Azevedo, 1998). Ora, se o papel do cérebro é considerado para o nosso comportamento sexual, tal significa que a percepção dos acontecimentos dolorosos pode ser alterada, em determinada situação e, assim, cada pessoa tem desejos, motivações e reações diferentes²⁸.

3.6. A natureza dinâmica da troca de poder: posicionamentos sobre o poder hierárquico

No capítulo I, definimos o que é a troca de poder erótica, mas neste capítulo também temos vindo a falar da troca de poder, quando nos referimos às práticas ou à própria organização social do BDSM, onde no topo da hierarquia se encontra o/a dominador/a e na base, o/a submisso/a, que entrega, de livre arbítrio, a autoridade e a responsabilidade ao/a

²⁸ Importa reter que as nossas representações é que dão significado ao quadro da interação

dominador/a, a quem presta obediência. Posto isto, parece-nos simples de concluir que o poder é detido pelo dominador. Porém, os dados obtidos das entrevistas e das observações demonstram que esta ilação é uma falácia.

De facto, o poder é delegado no Dominador/a que é quem decide, ordena e controla, contudo este só “manda enquanto não ultrapassar os limites, enquanto a sub se sentir respeitada e tida em consideração... onde as decisões que o dom toma são tidas como válidas e portanto respeitadas” (A., dominador). Se as “regras e os compromissos do jogo” não forem respeitados, o/a sub “pode (e deve) fazer parar o dom. Esse poder é-lhe conferido pelo uso da safeword.” (G., submisso). Três dominadores, duas submissas e uma *switcher* são da opinião de que o poder está nas mãos do submisso, já que o/a submisso/a “tem o poder de acabar imediatamente a experiência” (I., submisso) dado que é ele que “define o que quer, o que pretende e estabelece os limites da relação” (M., *switcher*, sexo feminino). Também porque “há um acordo, seja ele escrito ou não.... têm de respeitar os subs” (H., submisso) e porque “o submisso pode agir contra a vontade do dominador, mas o dominador não pode agir contra a vontade do submisso” (C., dominador). Assim, quando questionados sobre o carácter absoluto do poder, negam a sua existência numa sessão ou relação de BDSM. Excepcionalmente, umas das dominadoras entrevistadas que defende o carácter absoluto do poder, para quem o poder é sempre do dominador e que, na escolha de um submisso, são seus critérios de seleção este não ter limites ou dizer que não.

Anteriormente, abordamos a negociação dos limites, na qual está subjacente uma reciprocidade ou colaboração mútua na definição desses limites, pelo que “tanto o sub como o dom têm poder, só que é exercido de forma diferente” (F., dominadora). De facto, existe uma criação entre os parceiros daquilo que consideram satisfatório e/ou erótico, o que nos permite concluir que o poder no BDSM não é um atributo, é relacional e implica sempre reciprocidade e negociação, ou seja, permite-nos falar de uma troca de poder dinâmica. A exposição que B. (dominador) efetua sobre o dinamismo do poder sintetiza as nossas conclusões:

há de facto um fluxo de poder de um lado para o outro, uma transferência de poder de uma pessoa para a outra, mas tem de haver um equilíbrio... E esse ponto de equilíbrio está exatamente no poder do dominador em conseguir que a submisso faça de sua livre vontade aquilo que ele quer que ela faça, sem a obrigar...vejo isso de uma forma mais dinâmica, não como ‘ok, eu é que mando, tu obedeces’...há uma transferência de poderes para mim, mas essa transferência só existe porque ela quer, ok?

3.7. Relacionamentos íntimos no BDSM: a construção das relações BDSM e a sua interferência nos relacionamentos convencionais

No mundo do BDSM, os relacionamentos íntimos são complexos, existindo uma multiplicidade de tipos de relacionamentos e sentimentos. Nalguns casos existe uma relação amorosa entre os dois praticantes de BDSM, no sentido convencional do termo, em que pode haver ou não exclusividade. Noutros, a ligação emocional não existe desligada das sessões.

Há ainda os que mantêm um relacionamento convencional, chamado de “baunilha”, fora do BDSM, e que apenas procuram um parceiro praticante de BDSM para satisfazer as suas necessidades, sem terem qualquer tipo de ligação psicoafetiva e sexual

Tendencialmente, no contexto de dominação profissional, as relações são instrumentais, marcadas, na maioria dos casos, por uma indiferença sexual, veja-se o exemplo de E: “o meu parceiro é baunilha e aceita que eu tenha submissos... não tenho necessidade nenhuma de me envolver sexualmente com alguém... neste contexto raramente existe essa ligação”.

Pelo contrário, nos relacionamentos de foro privado e não profissional, normalmente, as relações são estabelecidas com base na afetividade e na empatia mútua. A opinião generalizada dos praticantes que entrevistamos é a de que existem alguns fatores de suma importância quando se trata de construir um relacionamento BDSM, quer este seja exclusivo (24/7) ou apenas funcione por sessões.

Seguindo a asserção de que as relações não nascem do nada e que precisam de crescer e evoluir, os entrevistados salientam como pontos fundamentais a confiança e a comunicação. Já abordamos como a comunicação é um dos pilares de um relacionamento (íntimo ou não íntimo) dentro do BDSM, na medida em que permite que ambas as pessoas usufruam da experiência como agradável e prazerosa. A partir destes dois conceitos, salientam a importância do respeito pelas regras, pelos limites e pelos gostos que foram previamente acordados e, sobretudo, o respeito pela outra pessoa, privilegiando a verdade e a honestidade, porque, tal como nos diz L.(switcher) “aqui a pessoa está a 100%, entrega-se totalmente de corpo e alma”. Amor, carinho, gostar, empenho, química, seriedade são outros dos fatores que relevam como essenciais nesta relação.

Os discursos dos entrevistados permitiram-nos perceber que significados atribuem às suas relações dentro do BDSM e concluímos que estas são romantizadas e que as características enunciadas são transversais a qualquer relacionamento saudável. Percebemos que existe um *continuum* entre uma relação dita “normal”, que aclama os sentimentos

afetivos como fatores indispensáveis, e uma relação que se caracteriza por este tipo de práticas de sadismo/ masoquismo ou de dominação/submissão, onde os requisitos de comunicação, honestidade, empatia e respeito, criam as bases para a confiança e para a profundidade da entrega. Mesmo os relacionamentos que funcionam numa base de dominação/submissão são espelho de um relacionamento convencional, com as suas rotinas e parâmetros para comportamentos aceitáveis e onde os/as subs são tratados como parceiros, perante terceiros que não pertençam a comunidade. Portanto, serem *BDSMers* não é incompatível com uma relação amorosa autêntica.

Para os praticantes entrevistados que têm um relacionamento amoroso “baunilha” e procuram o BDSM em sessões, as características enunciadas relacionam-se com a empatia mútua na interação, a compatibilidade e a confiança. Mas a importância da lealdade, honestidade e confiança permanecem. Nos dois casos a que tivemos acesso, e que são ilustrativos destes relacionamentos, os seus parceiros “baunilha” não se interessavam por BDSM. Veja-se o exemplo de **B.** (dominador):

a minha mulher não gostava de determinado tipo de coisas que eu gostava... ela não era capaz de fazer as coisas e portanto eu procurei essas coisas noutro lado. Ela aceitava isso desde que não interferisse na relação... eram interações esporádicas, por sessões apenas porque a ideia não era procurar um relacionamento, apenas satisfazer algumas necessidades

Não obstante, esta aceitação das práticas de BDSM por parte dos parceiros “baunilha”, denotamos algumas repercussões que estas têm nos seus relacionamentos amorosos. **G.** (submisso) afirma que as “relações na intimidade perderam o sabor” mas que o relacionamento enquanto casal se fortaleceu. Encontramos, ainda, outro tipo de interferências dos interesses pelo BDSM nas relações amorosas, nomeadamente namoros que não resultaram porque os parceiros “baunilha” terminaram a relação quando descobriram que a outra pessoa tinha um interesse pelo BDSM e sentimentos de incompletude nas relações exclusivamente “baunilha”. Todavia, existem outros entrevistados que alegam que os seus gostos nunca interferiram nos seus relacionamentos íntimos “baunilha”: **L.** (switcher, sexo masculino) nunca procurou “alguém do meio que fosse praticante para ter um relacionamento... nos relacionamentos baunilha, eu nunca tive problema porque normalmente as pessoas mostram-se abertas e até experimentam”. Para **D.** (dominadora), os seus gostos também nunca interferiram “nem no casamento, nem em nada”, tal como para a **E.** (dominadora) e para a **F.** (dominadora).

Entendemos que apesar da relevância que o BDSM tem nas suas vidas, este não é indispensável para a obtenção de prazer e que o sexo convencional continua a figurar nos seus relacionamentos íntimos, embora seja “sempre mais apimentado”.

3.8. Perceções sobre as representações sociais e a ocultação do comportamento *BDSMer*

Quase todos os atores sociais que entrevistamos pensam que as representações que o exogrupo detém sobre os seus comportamentos e práticas, são negativas. “Se eu fosse contar, iam logo pensar que eu não batia bem da bola!” (**M.**, *switcher*, sexo feminino)²⁹. Este tipo de exclamações denota o receio em revelar os seus comportamentos porque acham que seriam imediatamente rotulados como “maluquinhos” (**F.**, dominadora), discriminados e mesmo estigmatizados, “nunca me senti estigmatizado porque nunca me expus, se não garantidamente que o seria” (**G.**, submisso).

I. confessa-nos que vai ao psiquiatra regularmente, mas que nunca falou das suas práticas porque, considera, “na comunidade médica (sem ofensa), o BDSM é considerado uma doença... nos dias que correm o BDSM é uma doença, como foi a homossexualidade... é uma doença para ser atacada”. Constatamos uma noção de estigmatização por parte da comunidade médica porque partilha dos mesmos preconceitos morais da sociedade e porque os próprios manuais assim o estipulam. A comparação da comunidade BDSM com a comunidade homossexual também é visível em outros discursos, o que é de fácil compreensão, na medida em que são dois grupos estigmatizados e moralmente condenados pela sociedade.

Para **B.** (dominador) e **G.** (submisso), a imagem desvirtuada do BDSM deve-se sobretudo aos meios de comunicação que não transmitem informação correta sobre o que é ou não BDSM e o associam a tipos de comportamentos não consensuais ou somente à dor e ao sadomasoquismo e “BDSM não é só isso... o SM é uma parte do BDSM mas nem todas as pessoas são masoquistas, nem todas as pessoas são sádicas”. Consideram, ainda, que esta imagem

²⁹ Na nossa primeira presença no terreno, num jantar de Natal (11.12.2010) organizado por um dos fóruns, alguns dos participantes a quem não fomos apresentadas, mostraram curiosidade sobre a nossa presença: “se não são subs nem dommes é porque são jornalistas”. A desconfiança intensificou-se quando dissemos que éramos estudantes de Psicologia a fazer uma tese de mestrado sobre o BDSM. “Então vão dizer que somos todos maluquinhos” foi a resposta destes. Foi necessário explicar escrupulosamente o objetivo da nossa tese e o tipo de metodologia utilizada. Depois desta explicação, as atitudes alteram-se totalmente perante nós e o nosso trabalho, pedindo para que, no final, divulgássemos o nosso trabalho no fórum. Ainda durante esse jantar, recebemos outro sinal de aceitação e reconhecimento quando nos atribuíram o prémio “Kinky 2010” de maior incentivo à comunidade.

negativa do BDSM se deve em certa parte aos comportamentos incorretos de alguns praticantes “com menos escrúpulos” (G.) e que “por uma questão de protagonismo, fazem tudo e não sabem pôr as barreiras nem defender aquilo que seria o comportamento correto perante terceiros”.

O estigma ligado ao BDSM é grande e os mitos e a pressão negativa também (Moser & Madeson, 2000 *cit in* Stiles & Clarck, 2011), o que faz com que poucas pessoas admitam os seus interesses e gostos pelo BDSM. As razões para não revelarem a sua pertença são de ordem familiar, social e, sobretudo, profissional. É na dimensão profissional que os sujeitos têm maior receio em que descubram os seus gostos, nomeadamente por acharem que isso iria ter repercussões, quer seja porque já tiveram conhecimento de casos, quer porque experienciaram isso. Num determinado trabalho que B. efetua, quando descobriram que “gostava de coisas diferentes”, ele foi ameaçado de despedimento e sofreu pressões para deixar os seus gostos de BDSM, “ponderei abandonar a comunidade e tudo a nível das práticas... deram a entender que era bom abdicar deles”. Tomamos conhecimento de casos de estigmatização no grupo de amigos (“acham que o facto de eu gostar de BDSM me faz estranha... referem-se a isso como gostar de apanhar... ou então acham que eu tive problemas na infância”, [I., submissa]), nos relacionamentos amorosos (“eu tinha uma relação estável... quando ela descobriu que eu gostava de BDSM disse para eu procurar ajuda e mandou uma mensagem a despedir-se”) e de um caso de estigmatização por um profissional de saúde:

fui ao psicólogo porque me sentia em baixo, estava ansiosa e deprimida. Quando lhe expus que praticava BDSM, simplesmente porque estávamos a falar sobre atividades que me davam prazer de realizar, ela disse que eu tinha um problema, que tinha de parar com o BDSM e que iríamos fazer psicoterapia para isso... nunca mais lá fui” [F., dominadora]).

Este tipo de juízos dos profissionais de saúde relativamente ao BDSM não é invulgar e foram reportados por Kleinplatz e Moser (2004) que decidiram publicar um guia de boas práticas clínicas com clientes BDSM.

Goffman (1963) afirma que as pessoas ao gerirem os aspetos da sua identidade social e pessoal através da gestão de impressões, podem construir e proteger as suas identidades, o que influencia a forma como são percebidas e tratadas nas situações sociais. Assim, os praticantes de BDSM gerem o segredo a diferentes níveis³⁰: (a) ocultação absoluta – “se me perguntarem se eu gosto de algo diferente digo que sim mas jamais digo o quê”; (b) ocultação completa – “isto é

³⁰ Baseamo-nos nos seis níveis de ocultação criados por Stiles e Clarck, 2011.

um segredo meu, dentro das pessoas que me rodeiam a nível profissional e particular... só uma amiga muito íntima é que sabe”; (c) ocultação parcial – “eu não escondo os livros, fotografias e assim, da minha família...por eles sempre fui respeitado e pelos amigos... só não vou para o trabalho publicitar o que eu faço”; (d) ocultação fraccionária – “ quase toda a gente sabe... eu só não dou a cara publicamente porque os meus pais estão vivos”; (e) ocultação aberta – “eu não escondo, tenho perfis na internet com a minha fotografia...a minha família sabe... no outro dia no trabalho...mostrei-lhes onde andava a gastar o dinheiro”.

Goffman (1963) fala ainda do “efeito espelho” em que os estigmatizados criam mecanismos na ânsia de “discriminar” os que os reprovam. Um exemplo é os praticantes chamarem de “*baunilha*” as pessoas que não têm este tipo de práticas. Além disso, apresentam algumas atitudes desafiantes face às reações de desaprovação social de pessoas fora do meio, como o exemplo de C (dominador) demonstra:

quando vou a passear com a minha noiva, a coleira nota-se... eu noto vários olhares do tipo ‘ao que o mundo chego’. E é para essas pessoas que eu gosto de olhar. Quando olham para mim, eu estou a olhar para elas de sorriso de orelha a orelha

Brekuhs (1996 *cit in* Plante, 2006, p.523) descreve estas situações como uma forma de rejeição comum das normas dominantes. Segundo este autor, as “minorias subculturais desenvolvem construções de oposição ao mainstream sexual” e esta é uma das suas formas de lidar com o estigma.

Por outro lado, alguns praticantes afirmarem que “a mim não me incomoda ser underground. Até gosto de uma certa névoa a envolver o BDSM” (G., submisso) ou “dá-me gostos estar a falar com alguém e ouvir certas críticas...dá-me aquele gozo interior, ‘ai se tu soubesses’...” (D., dominadora). Para estes, vivenciar algo que não é comum a toda a gente fá-los sentirem-se bem e a ocultação do seu comportamento adiciona emoção à atividade. Stiles e Clarck (2011) a propósito da ocultação defendem que esta pode servir uma função positiva. De acordo com estes autores, quando se esconde um segredo de um certo grupo, mas esse segredo é partilhado pelos outros envolvidos na atividade secreta, ele tem o efeito de delinear o “ingroup” e o “outgroup”, criando vínculos e contribuindo para a construção da identidade como membro do grupo e da coesão social.

Por fim, os praticantes são da opinião que se deve educar a sociedade para aceitação destes comportamentos, o que passa por explicar o que é o BDSM e por passar a imagem de

que este não é violência: “Caçar não é um jogo. Num jogo, ambas as partes conhecem as regras e o BDSM é igual. Não admite predadores” (H., submissa).

3.9. A comunidade portuguesa *BDSMer*

A comunidade *BDSMer* portuguesa é uma rede social informal de pessoas organizadas em torno do BDSM que o praticam e vivenciam, especialmente no contexto íntimo ou em eventos de cariz privado. Esta divide entre os seus membros, a responsabilidade da execução do BDSM sob a sigla do são, seguro, consensual.

A comunidade organiza-se, principalmente online, em fóruns dedicados à temática. Por um lado, os entrevistados vêm-nos como positivos na medida em que contêm várias informações sobre o BDSM, servem para encontrar pessoas com os mesmos interesses, o que significa “aprender mais sobre o BDSM através da partilha de experiências” (I., submissa). Servem, igualmente, o grande propósito do sentimento de pertença a algo. Por outro lado, os praticantes entrevistados reclamam a sua falta de organização, de respeito e de tolerância, salientando como pontos negativos a rivalidade (“há imensas guerras de popularidade, o que a torna numa comunidade fragmentada, com pequenos grupos a disputar popularidade” [I., submissa]), a falta de empenho em organizar eventos (“nunca se estabelece uma massa crítica suficiente para se organizar este género de coisas, para se criar um ponto de encontro em locais próprios” [F., dominadora]) e a intriga (“o mal desta comunidade é que gostam muito de lavar a roupa suja” [L., *switcher*, sexo masculino]). Consequentemente, idealizam uma comunidade exemplar, a começar pela comparação com as comunidades estrangeiras que consideram ter um maior espírito comunitário e de interajuda e maior tolerância. Poderíamos pensar que esta valoração negativa da comunidade online colocaria em causa o sentimento de pertença, contudo, nos discursos e atitudes que observamos, os sujeitos apresentam sentimentos de rejeição perante novos participantes que não respeitam as regras do BDSM, “essa gente que não tem nada a ver e de repente descobre oportunidades de sexo” (G., submisso), sustentando que é preciso “expurgar as pessoas de mau carácter para fora da comunidade, para que não transmitam uma imagem errada” (B., dominador). Apesar disto, assistimos, ainda, a uma união da comunidade quando se mobilizou para contestar um artigo publicado num jornal, baseado na entrevista com um psiquiatra, onde o sadomasoquismo erótico era associado a um sadomasoquismo psicótico.

Já os eventos são valorados muito positivamente, uma vez que permitem o convívio direto entre os praticantes, a diversão sem julgamentos e porque possibilitam que as pessoas

exibam “a forma como nos gostamos de vestir sem sentirmos que estamos a chocar ou a chamar a atenção dos outros” (J. submissa). De facto, as festas servem o propósito de integração e socialização entre os participantes, nas quais os indivíduos são atraídos por uma atmosfera que os encoraja a serem eles próprios e que valida os seus comportamentos:

A entrada é à porta fechada e portanto, aqui só entra quem estiver mencionado na lista de convidados. Somos recebidos por uma mulher envergando um vestido de látex e o seu submisso que nos dão as boas vindas muito atenciosamente. Ao fundo, ouve-se música do universo gótico/rock (...) a decoração do espaço aposta na simplicidade: muitos castiçais e velas que originam um ambiente a meia luz, artigos imagéticos como máscaras de gás “gag balls” no vão das escadas, no piso do superior os instrumentos para as práticas (...) As pessoas presentes movem-se entre o espaço do bar e o terraço lá fora, convivendo animadamente entre si. A maioria das pessoas deve ter uns 40/50 anos. Abundam mulheres calçadas com sapatos muito altos e botas de cano alto de vinil, corpetes justos de látex ou vinil, minissaias com rendas, vestidos ultrajustos e decotados...Uma de mini saia, meias até ao joelho e camisa branca, está fantasiada de colegial. É submissa de certeza! Os homens são mais discretos, vestidos sobretudo de preto, mas também os há vestidos com uniformes de couro e cabedal. As pessoas divertem-se, estão sorridentes e à vontade. Não deixo de pensar como seria ver os meus pais em tais preparos. Também eu estou imbuída de preconceitos. Vive-se um ambiente sem juízos, ninguém olha com ar depreciativo, ninguém comenta...Esta noite, as pessoas podem ser elas próprias. Estão felizes isso é o que importa. (D.C., 24.07.2011)

Outro aspeto importante dos eventos é permitir a execução de práticas em público e a visualização das mesmas, bem como, trocar experiências e aprendizagens.

No andar superior os instrumentos, à disposição dos praticantes, estão posicionados estrategicamente para que, quem está cá em baixo possa ver o que está a acontecer. Alguns casais já os utilizaram, mas a grande maioria dos praticantes está sentada cá em baixo a ver o que acontece com os outros. Parece que nem todos os praticantes de BDSM gostam de exposição pública, parece que gostam mais de ver. Mas Y. confessou-se que tem prazer em ser dominada à vista de todos e ser exibida como um troféu.(...) No terraço ao ar livre, duas dominadoras estão a aprender a brandir o chicote no ar de forma a produzir um barulho característico. Trocam-se experiências e saberes sobre instrumentos, práticas, formas de dominar e de açoitar (...) (D.C. 24.07.2011)

Capítulo IV

Considerações Finais

Tanto no passado como no presente, a construção social de “perversão” é baseada no distanciamento relacional entre o comportamento sexual e o coito normal que se estabeleceu como norma a seguir. Esta conceção absolutamente determinista esconde o *continuum* que existe entre as práticas do *mainstream* e as práticas de BDSM, uma vez que o BDSM não se encerra nos equívocos populares sobre as quantidades extremas de dor, os danos duradouros e a não consensualidade. Refletir sobre as práticas de BDSM é entender que os comportamentos, o prazer e o desejo podem ser deslocados da genitalidade, é criar novas possibilidades de satisfação erótico-sexual (Foucault, 1982), é vivenciar jogos de poder e sentir-se realizado na entrega.

Os conhecimentos obtidos permitiram-nos perceber que são muitas mais as continuidades entre desviantes e não desviantes do que as diferenças (Matza & Sykes, 1961) e tal só foi possível porque decidimos escutar, observar e interagir com os praticantes de BDSM e porque decidimos abordar a *pluridimensionalidade* do fenómeno. No entanto, temos consciência de que esta opção implicou inevitavelmente uma redução, porque aquilo que conseguimos obter em abrangência, perdemos em intensidade e profundidade.

As grandes limitações deste estudo prendem-se com o número reduzido de participantes e com a impossibilidade de termos acedido a um maior número de contextos onde os praticantes interagem e desenvolvem as suas práticas. Estas dificuldades deveram-se a imposições temporais que tiveram como repercussão o não aprofundamento não só dos temas, mas também das relações de confiança.

Não obstante estarmos impedidos de fazer generalizações dos nossos resultados, devido às características metodológicas deste estudo, julgamos que esta investigação poderá ter algumas implicações. Em primeiro lugar, pela oportunidade de desocultar um fenómeno que a ciência tem subvalorizado em Portugal e pela possibilidade de conhecer o terreno, facilitando novas incursões investigativas. Em segundo lugar, ao privilegiarmos a perspetiva das pessoas envolvidas, percebemos que o BDSM é um fenómeno complexo como qualquer outro comportamento social interpessoal (Barker & Langdridge, 2009), claramente variável e individual e culturalmente contextualizado. Esta conceção implica uma diluição dos estereótipos existentes sobre o BDSM e, ao mesmo tempo, uma visão ampliada das sexualidades. Por último, e de suma importância, os resultados obtidos

suscitam o repensar, o questionamento e a reformulação dos (nossos) conceitos de sexualidade, alertando-nos para a forte necessidade de desmistificar o discurso social dominante *heteronormativo* e desafiar os sistemas de crenças morais. Tal aplica-se essencialmente aos profissionais de saúde, cujo dever é “deixar o modelo do mundo em segundo plano de modo a que não interfira com o cliente”(Bridoux, 2000, p.3 *cit in* Barker, Iantaffi & Gupta, 2007). É preciso atentar que a escolha pelo comportamento *BDSMer*, enquanto consensual e entre adultos, é manifesto de um princípio básico de autonomia sexual e autodeterminação, direitos fundamentais na área da sexualidade (Grauspner, 2005).

Em suma, conclui-se que as preferências comportamentais parecem ser bastante específicas para cada sujeito, portanto, a exploração do BDSM através da ótica dos praticantes deve continuar. A realização de estudos somente focados nas características dos sujeitos, nas suas regras e nas práticas não se deve sobrepor ao estudo das motivações e significados, nem ao estudo de novas variáveis, como são exemplo as relações duradouras no BDSM que têm sido descuradas (Weinberg, 1987). Em futuras investigações, o recurso à investigação etnográfica revela-se como um vetor de grande relevância permitindo uma visão e compreensão mais próximas. Ponderamos, também, ser relevante o estudo aprofundado das significações do que é ser *switcher*, de aspetos relacionados com os papéis desempenhados no BDSM, o estudo do BDSM profissional e a análise dos multirrelacionamentos existentes. Seria, igualmente, importante, pesquisar sobre as motivações, os benefícios e os efeitos psicológicos de modo a perceber-se se as atividades BDSM se desenrolam de acordo com o “são, seguro e consensual e efetuar formações para os profissionais de saúde. No decurso da nossa investigação, apercebemo-nos, igualmente, de que em Portugal escasseiam *workshops* sobre BDSM para as pessoas envolvidas, sobre redução de riscos e minimização de danos nestas práticas.

Findamos este trabalho com uma reflexão:

Em vez da patologização do Sadomasoquismo, devia-se explorar o potencial erótico humano daqueles que praticam sexo incomum.

*O objetivo não é que todos pratiquem alguma variedade de sexo mas descobrir formas de sexualidade saudável, explorando e examinando diversos modos de expressão sexual.*³¹

³¹ Kleinplatz, 2001(*cit in* Kleinplatz & Moser, 2006).Tradução livre a partir do Inglês

Referências bibliográficas

- Agra, C. & Fernandes, L. (1993). Droga enigma, droga novo paradigma. In C. Agra (Ed.), *Dizer a Droga, Ouvir as Drogas*. Porto: Radicário.
- APA (2000). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (4^a ed. – texto revisto). Washington: American Psychiatric Association.
- Angrosino, M. (2007). *Doing ethnographic and observational research*. London: Sage Publications Ltd.
- Azevedo, W. (1998). *Sadomasoquismo sem medo*. São Paulo: Iglu Editora.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta.
- Barker, M. (2007). Turning the world upside down: Developing a tool for training about SM. In Langdridge, D. & Barker, M. (Eds.) *Safe, sane and consensual: contemporary perspectives on sadomasochism*. (261–270). Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Barker, M., Iantaffi, A. & Gupta, C. (2007). Kinky clients, kinky counselling? The challenges and potentials of BDSM. In: Lindsey, M, (Ed.) *Feeling queer or queer feelings: Radical approaches to counselling sex, sexualities and genders*.(106–124). London: Routledge.
- Baumeister, R. (1988). Masochism as escape from self. *The Journal of Sex Research*, 25(1), 28-59.
- Beckmann, A. (2001). Deconstructing myths: The social construction of “sadomasochism” versus “subjugated knowledges” of practitioners of consensual “SM”. *Criminal Justice and Popular Culture*, 8(2), 66-95.
- Breslow, N., Evans, L. & Langley, J. (1985). On the prevalence and roles of females in the sadomasochistic subculture: report of an empirical study. *Archives of Sexual Behavior*, 14 (4), 303-317.

- Bullough, V. (1976). *Sexual variance in society and history*. New York: Eviley
- Califia, P. (1979). A secret side of lesbian sexuality. *The Advocate*, 19-23.
- Campenhoudt, L. (2003). *Introdução à análise dos fenómenos sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Carvalho, M. (2007). *Culturas juvenis e novos usos de drogas em meio festivo: o trance psicadélico como analisador*. Porto: Campo das Letras
- Connolly, P. (2006) Psychological functioning of bondage/domination/sado-Masochism (BDSM) practitioners. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 18(1), 79-120.
- Costa, A. F.(1986). A pesquisa de terreno em sociologia. In Silva, A. & Pinto, J. (Eds.) *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ferreira, S.P. (2010). *Para além dos sem-abrigo: pequeno ensaio sobre a pobreza e a exclusão social*. Tese de Mestrado. Porto: FPCEUP.
- Foddy, W. (1996). *Como perguntar*. Oeiras: Celta.
- Cross, P. & Mateson, K. (2006). Understanding sadomasochism: an empirical examination of four perspectives. In P. J. Kleinplatz & C. Moser (Eds.) *Sadomasochism: powerful pleasures*. New York: Harrington Park press.
- Dancer, P; Kleinplatz, P & Moser, C. (2006). 27/7 SM Slavery. *Journal of Homosexuality*, 50, 81-102.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (1998, Eds.). *The landscape of qualitative research: theories and issues*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (2000). *Handbook of qualitative research* (2^a ed.) Londres: Sage Publications.

- Ernulf, K. & Innala, S. (1995). Sexual bondage: a review and unobtrusive investigation. *Archives of Sexual Behavior*, 6 (24), 631-654.
- Fernandes, L. (1989). Estratégia qualitativa de investigação do uso de drogas e da toxicodependência. *Análise Psicológica*, 1-2-3 (VIII), 329-228.
- Fernandes, L. (1990). *Os pós modernos ou a cidade, o setor juvenil e as drogas*. Porto: FPCEUP.
- Fernandes, L. (1997). *Atores e territórios psicotrópicos. Etnografia das drogas numa periferia urbana*. Porto: FPCEUP
- Fernandes, L. & Carvalho, M. C. (2000). Por onde anda o que se oculta: o acesso a mundos sociais de consumidores problemáticos de drogas através do método do *snowball*. *Toxicodependências*, 6 (3) 17-28.
- Flick, U. (1998). *An Introduction to Qualitative Research*. London: Sage Publications
- Flick, U.; Kardorff, E. & Steinke, I. (2004). What is Qualitative Research? An Introduction to the Field. In U. Flick; E. Kardoff & I. Steinke. *Companion to Qualitative Research*, Cap.1, (p.3-11). London: Sage Publications
- Foucault, M. (1984). Na interview: sex, power and the politics of identity; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; *The Advocate*, 400, 26-30.
- Freitas, F. (2010). Bondage, dominação/submissão e sadomasoquismo: uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais. In *Simpósio Fazendo Género 9: Diásporas, Diversidade e Deslocamento*.
- Freeman, E. (2008). Turn the beat around: sadomasochism, temporality, history. *A Journal of Feminist Cultural Studies*, 19 (1), 32-70.
- Freire, I. (2007). *Fantasia eróticas. Segredos das mulheres portuguesas*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

- Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.(Fonseca, R. Trad). Brasil: Edição Livros do Brasil.
- Garrot, R. (2008). *The effects of psychoterapists' values on their work with clients who practice consensual sexual sadomasochism*. (Tese Doutoramento) Unite States: Massachusetts School of Professional Psychology.
- Giddens, A. (1997). *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta Editora
- Glaser, B. G. & Strauss, A. L. (1967). *The discovery of grounded theory. Strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter.
- Goffman, E. (1963). *Stigma. Notes on the management of spoiled identity*. Prentice Hall.
- Gomes, F. A. (2003). Parafilias. In L. Fonseca, C. Soares & J. M. Vaz (Coords.) *A sexologia. Perspetiva multidisciplinar (Vol. I)*. Coimbra: Quarteto.
- Gordon, H. (2008). Editorial: The treatment of paraphilias: An historical perspective. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 18, 79-87.
- Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (1989). *Fourth generation evaluation*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e Formas de Uso*. Cascais: Príncípia
- Haymore, C. (2002). Sadomasochism: The pleasure of pain [versão eletrónica] *Undergraduate Journal of Psychology*, 15. Disponível em: <http://www.psych.uncc.edu/UJOP/UJOP%202002/Haymore.htm> (10.01.2011)
- Hébert M., Goyette G. & Boutin, G. (1990). *Investigação qualitativa:fundamentos e práticas*. Paris: Éditions Agence d'Arc.

- Holand, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV), 363-372.
- Hopkins, P. D. (1994). Rethinking Sadomasochism: feminism, interpretation, simulation. *Hypatia*, 1 (9), 116-141.
- Kleinplatz, P.J. & Moser, C. (2006). *Sadomasochism Powerful Pleasures*. Bringhamton, New York: Harrington Park Press.
- Kraft-Ebbing, R. (1998) *Psychopathia sexualis*. New York: Arcade Publishing (original publicado em 1886).
- Lagache, D. (1949). *A Unidade da Psicologia*. São Paulo: Persona.
- Langdridge, D. (2006). Voices from the margins: Sadomasochism and sexual citizenship. *Citizenship Studies*, 10 (4), 373–389.
- Langdridge, D. & Butt, T. (2005). The erotic construction of power exchange. *Journal of Constructivist Psychology*, 18, 65-73.
- Lawrence, A. A. & Crowell, J. L. (2008). Psychotherapists' experience with clients who engage in consensual sadomasochism: A qualitative study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 34, 67–85.
- Louro, G. (2004). *Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Manita, C. (1998). *Auto organização psicológica e transgressão. Análise empírico-crítica de duas figuras do comportamento desviante: Criminosos e consumidores de drogas*.(Tese de Doutorado). Porto: FPCEUP
- Manita, C., Negreiros, J., Agra, C. & Guerra, M. (1997). *Planos existenciais, droga e crime*. Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga.

- Martins & Ceccarelli (2003): paper: *The so called deviant sexualities: perversion or right to difference?* Apresentada no XVI Congresso Mundial “Sexuality and Human Development: from Discourse to Action”, Havana, Cuba. Disponível em: www.Ceccarelli.psc.br/artigos/inglês/html/thesocalledhtm (30.03.2010).
- Monteiro, N. & Silva, L. (2006). *Entregues aos limites do prazer: estudo sobre Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão e Sadomasoquismo*. (Tese final de licenciatura). Porto: FLUP
- Moser, C. (1999) The psychology of sadomasochism (S/M). In: Susan Wright (Ed.), *SM Classics*. (47-61). New York: Masquerade Books
- Mucchielli, R. (1994). *A entrevista não diretiva* (2ª ed.). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- Mucchielli, R. (1991). *L'analyse de contenu des documents et des communications* (7ª ed.). Paris: Éditions.
- Nahra, C. (2005). *A morality for the third millennium (prostitution, homosexuality and sadomasochism in the light of Kant and Mill)*. (Tese de Doutorado). England: University of Essex.
- Newmahr, S. (2010). Rethinking kink: Sadomasochism as serious leisure. *Qual Social*, 33, 313-331.
- Nichols, M. (2006). Psychotherapeutic issues with “kinky” clientes. *Journal of Homosexuality*, 50 (2), 281-300.
- Nobre, P. (2006). *Disfunções Sexuais. Teoria, Investigação e Tratamento*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Nordling, N, Sandnabba, N. & Santtila, P. (2000). The prevalence and effects of self reported childhood sexual abuse among sadomasochistically oriented males and females. *Journal of Childhood Sexual Abuse*, 9, 53-63.
- Nordling, N., Sandabba, N. K., Santilla, P. & Alison, L. (2006). Differences and similarities between gay and straight individuals involved in the sadomasochistic subculture. In P. Kleinplatz, & C. Moser, (Eds.) *SM: Powerful Pleasures*. (41-58) Binghamton, New York: Haworth Press.
- Oliveira, A. (2002). *Da prostituição ao trabalho sexual: atrizes, práticas e contexto*. (Tese de Mestrado), Porto: FPCEUP.
- Oliveira, A.(2008). *O mundo da prostituição de rua: trajetórias, discursos e práticas. Um estudo etnográfico* (Tese de doutoramento), Porto: FPCEUP.
- Popper, K. (1985). *Lógica da pesquisa científica*. São Paulo: EDUSP.
- Plante, R. (2006). Sexual spanking, the self and the construction of deviance. *Journal of Homosexuality*, 50 (2), 59-79.
- Richters et al. (2008). Demografic and psychosocial features of participants in bondage and discipline sadomasochism or dominance and submission (BDSM): Data from a National Survey. *Journal Sex Med*, 5, 1660-1668.
- Rye, B. & Meaney, J. (2007). The pursuit of sexual pleasure. *Sexuality & Culture* 11 (1), 28-51.
- Rubin, G. (1989). Reflexionando sobre el sexo: notas para uma teoría radical de la sexualidad. In: Vance, C. (Ed.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina*.(157-209).Madrid: Revolución Madrid.
- Sandnabba, N. K.; Santtila, P. & Nordling, N. (1999). Sexual behavior and social adaptation among sadomasochistically oriented males - Statistical data included. *Journal of Sex Research*, 30, 1-13.

- Santtila, P.; Sandnabba, N. & Nordling, N. (2001). Retrospective perceptions of family interaction in childhood as correlates of current sexual adaptation among sadomasochistic males. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 12 (4), 69-87.
- Silva, C., Gobbi, B. & Simão, A. (2005). O uso da análise de conteúdo como ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organ. Rurais Agroind.*, 7(1), 70-8.1.
- Silverman, D. (1997). *Qualitative research – theory, method and practice*. Londres: Sage Publications.
- Spengler, A. (1977). Manifest sadomasochism of males: results of an empirical study. *Archives of Sexual Behavior*, 6, 441-456.
- Stear, N.(2009). Sadomasochism as Make-Believe. *Hypatia* , 24 (2), 21-38.
- Stiles, B. & Clark, R. (2011). BDSM: a subcultural analysis of sacrifices and delights. *Deviant Behavior*, 32 (2), 158-189.
- Stockwell, F., Walker, D. & Esheleman, J. (2010). Measures of Implicit and Explicit Attitudes Toward Mainstr eam and BDSM Sexual Terms Using the IRAP and Questionnaire with BDSM/ Fetish and Student Participants. *The Psychological Record*, 60, 307–324.
- Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory*. Los Angels: Sage Publications.
- Toneli, M. (2008). Diversidade sexual humana: Notas para a discussão no âmbito da Psicologia e dos direitos humanos. *Psic. Clin.*, 20 (2), 61-73.
- Stoller, R. J. (1991). *Pain and passion: A psychoanalyst explores the world of S & M*. Plenum Press: Perseus Publishing.
- Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory*. Los Angels: Sage Pulications.

- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Weille, K. (2002). The psychodynamics of consensual sadomasochistic and D/s games. *Studies in Gender and Sexuality*, 3 (2), 131-160.
- Weiss, M. (2006). Working at play: BDSM sexuality in the Sao Francisco bay area. *Anthropologica*, 48, 229-245.
- Weinberg, T. S. (1987) Sadomasochism in the United States : A review of recent sociological literature, *The Journal of Sex Research*, 23 (1), 50-69.
- Weinberg, T. S. (2006) Sadomasochism and the social sciences: a review of the sociological and social psychological literature. In P. J. Kleinplatz & C. Moser (Eds.) *Sadomasochism: powerful pleasures*. New York: Harrington Park press
- Williams, DJ. (2006). Different (painful!) strokes for different folks: a general overview of sexual sadomasochism (SM) and its diversity. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 13, 333-346.

Anexos

Anexo I - Guião da Entrevista

A – Caracterização sócio demográfica

1. Idade
2. Profissão
3. Nível de escolaridade
4. Área de residência
5. Estado civil
6. Orientação sexual

B – História pessoal no BDSM

1. Como e quando descobriu o BDSM
2. Como descobriu a sua identidade/ papel dentro do BDSM
3. Retratar as suas primeiras experiências
4. Fale-me de como evoluíram as experiências
5. Como efetiva a vivência do BDSM? (estilo de vida/momento/ teor sexual ou não)

C – Práticas e símbolos

1. Quais as práticas preferidas e porque é que o faz
2. O que nunca fez e gostaria de fazer
3. O que nunca fará → limites ao nível das práticas (como conceptualiza a questão da safeword?)
4. Dominação física vs psicológica
5. Significados atribuídos ao uso de coleira, símbolos, rituais de iniciação, marcas
6. Importância dos instrumentos e dresscode nas sessões/para obtenção de prazer
7. Explorar o conceito de dor e prazer

D – Relacionamentos íntimos

1. Que tipo de relacionamento é que se tem com os outros praticantes
2. Interferência das práticas no relacionamento “baunilha”
3. Até que ponto estes gostos influenciam ou não as relações que tem com outras pessoas

4. BDSM vs outro tipo de relações (poligamia vs monogamia; BDSM vs relações baunilha)

E – Posicionamento sobre BDSM

1. Qualidades do dominador/submisso
2. Hierarquia (Quem detém o poder?)
3. Fatores essenciais numa relação BDSM
4. Vivência das relações 24/7 (e possíveis consequências)
5. BDSM como relação vs BDSM pago

F – Representações sociais de BDSM e consequências

1. Impacto no praticante da imagem que a sociedade tem destas práticas sexuais
→ remeter para o passado
2. Até que ponto as representações sociais negativas fazem com que a pessoa procure o grupo com o qual se identifica
3. Importância dos fóruns

Anexo II - Carta de apresentação do estudo

Chamo-me Mafalda Mota, sou aluna do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e encontro-me a desenvolver a minha tese de mestrado sobre o BDSM em Portugal.

A investigação que pretendo realizar acerca da comunidade tem como objetivo primário, incrementar os conhecimentos científicos relacionados com SM e pôr a investigação científica ao serviço da desocultação deste fenómeno.

Assim, tenho como objetivos, contextualizar a emergência do BDSM em Portugal, conhecer os praticantes e as suas motivações e significados que atribuem às práticas, e ainda, conhecer a perceção que têm da reação social e se essa reação social tem implicações na sua vida .

Como optei por uma abordagem proximal que permita experienciar as vivências das pessoas e captar os significados que dão às suas vidas, gostaria de lhe estender o convite para colaborar neste estudo, pois é inegável que o seu contributo é de grande importância para o meu estudo. Neste âmbito, vou utilizar uma metodologia qualitativa, pelo que, se possível, gostaria de realizar entrevistas presenciais, isto é, face a face, marcando um sítio e uma data oportuna para si.

Para finalizar, gostaria de salientar que garanto a total ética a nível da confidencialidade e o anonimato de todos os dados que venha a obter, Estou à sua disposição para qualquer esclarecimento adicional que ajude a melhor explicar o meu estudo.

Agradeço desde já a sua atenção e o tempo que lhe tomei e aguardo a sua resposta.

Com os melhores cumprimentos,
Mafalda Mota

Anexo 3 – Excerto de uma entrevista, ilustrativo da análise de conteúdo efetuada

1. Como e quando descobriu o seu interesse pelo BDSM?

Ora bem com as siglas ou sem as siglas? É que às vezes, temos o gosto mas não sabemos o que é... Há 10 anos descobri o nome que se dava aquilo que eu gostava.

As primeiras experiências não foram feitas com pessoas... eram feitas com pedras, com coisas do género, porque eu sou sádica q.b., nada de exageros.

3. Fale-me de que como foram as suas primeiras experiências enquanto dominadora.

Como dominadora, que eu acho que sempre fui, quando descobri as siglas, quando descobri este mundo foi através da internet. As minhas primeiras experiências, estavam relacionadas com a minha curiosidade. A primeira coisa que eu fiz foi falar com toda a gente e mais alguma, perguntar o que era e o que não era... enfim, quis-me informar devidamente sobre tudo, ler um bocado... e andei para aí 1 ano a investigar e a falar com as pessoas. As primeiras experiências já reais a dominar, foram ótimas, foram com uma pessoa (risos).

4. E como evoluíram essas experiências até à atualidade?

Mudou muita coisa, é lógico... Práticas que não sabemos e que aprendemos, aprendi imenso, embora os nomes das práticas, sobretudo estrangeirismos não me digam nada... mas, fundamentalmente, foi conhecer as práticas que não conhecia, saber até onde podia ir, onde doía mais, onde doía menos... é como tudo, vais praticando e vais ficando cada vez melhor. Como dominadora, sou muito exigente, não é qualquer pessoa que me serve, aliás, sou uma pessoa muito reservada que não dá confiança às pessoas. Quando escolho, eu acho que escolho bem pois acredito que há algo que define um submisso verdadeiro. Sou hard mas respeito, sempre respeitei o ser humano.

Comentário [B1]: Tema Iniciação no BDSM; Subtema: origem temporal da descoberta do seu interesse

Comentário [B2]: Tema: Iniciação no BDSM; Subtema: Existência prévia do gosto pelo bdsm sem saber a designação atribuída a esses gostos.

Comentário [B3]: Autorrepresentação: vê-se como sádica no plano da dominação mas será também nas outras dimensões da sua vida?!

Comentário [B4]: Tema: iniciação no BDSM; Subtema: descoberta do rótulo para os seus gostos, opera-se através da internet (A internet aparece como uma ferramenta crucial na pesquisa de informações)

Comentário [B5]: Tema: Iniciação no BDSM; Subtema: Exploração do interesse → através do contacto online com outros praticantes → procura de informação sobre o fenómeno

Comentário [B6]: Tema: Iniciação no BDSM; Subtema: 1ª experiências reais no BDSM. Atribuição de uma valoração positiva à 1ª experiência de dominação com outro praticante

Comentário [B7]: Tema: Evolução no BDSM; Subtema: aprendizagens: de novas práticas ("conhecer as práticas que não conhecia")

Comentário [B8]: Tema: evolução no BDSM; subtema: aprendizagens: pela experimentação – aprendizagem dos limites e de locais do corpo onde a dor é sentida de diferentes formas. Esta aprendizagem é importante na medida em que promove a diminuição de possíveis danos.

Comentário [B9]: Tema: Evolução no BDSM; subtema: aprendizagens. Prática continuada aparece como fundamental para haver uma evolução no BDSM que se traduz por um melhor desempenho do seu papel.

Comentário [B10]: Tema: representações sobre as posições; Subtema: papel desempenhado (enquanto dominadora é "hard", "sádica", "exigente").

Comentário [B11]: Tema: Autorrepresentações; Subtema: características psicológicas ("reservada" e "desconfiada" são características que refletem a exigência na escolha de um submisso)

Comentário [B12]: Tema: Representações sobre as posições; Representações sobre aposição oposta

Comentário [B13]: Tema: Limites; Subtema: Respeito pelo outro – ferramenta de consentimento